



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE ARTES E LETRAS

ESCOLA DE BELAS ARTES

DEPARTAMENTO DE HISTORIA E TEORIA DA ARTE

**MODA: SIGNIFICADOS DA INDUMENTÁRIA NA CONSTRUÇÃO DAS
IDENTIDADES FAVELADAS**

Rio de Janeiro

2019

KELLY SANTOS DA SILVA

MODA: SIGNIFICADOS DA INDUMENTÁRIA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES
FAVELADAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade
Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para
obtenção do Título de Bacharela em História da
Arte.

Orientador: Dr. Vinícios Kabral Ribeiro

Rio de Janeiro, 2019.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Vinícios Kabral Ribeiro
(orientador)

Professora Mestra Andreza Jorge
(UFRJ)

Professor Dr Ivair Reinaldim
(UFRJ)

RIO DE JANEIRO

2019

Agradecimentos

Laroye!

Ao longo de toda a minha trajetória de vida, como aponto em todo o texto dessa pesquisa, me percebo sendo amparada por muitas mãos. Nunca estive sozinha, entretanto, o processo acadêmico nesta etapa da graduação me fez sentir coisas que nunca imaginei, como: Estar em uma caminhada sozinha.

Em uma aula de historiografia da arte 3, o professor Vinícios mencionou a importância de criarmos alianças para sobreviver a dureza acadêmica, e sermos estratégicos para vivermos uma vida abundante; só depois que consegui assimilar a potência dessas palavras que me vi com a possibilidade de seguir com mais leveza. Até então, tudo era violento e doloroso, e essas palavras me fizeram lembrar de coisas valiosas que eu sempre carreguei na minha existência, mas que a rigidez da universidade me fez por um momento esquecer.

Consegui nessa reta final, enxergar de uma só vez todas as alianças que fortalecem a minha caminhada. E isso me deu um gás para finalizar essa etapa a qual, de maneira simbólica e representativa gostaria de dedicar a todas essas pessoas que seguem “aliançadas” comigo.

Sou uma mulher mestiça afro-indígena, favelada, filha de proletários, cria do complexo da Maré. Entre meus primos e primas, tanto do lado paterno quanto o materno, fui a primeira a concluir o ensino médio. Hoje o número aumentou um pouco, somos: meu irmão Kevin, minha prima Larisse, meu primo Ariel e meu primo João Pedro; todos mais novos que eu - seria gratificante se, de alguma forma servi de inspiração para ela e eles - na família da minha mãe, infelizmente, ninguém passou do ensino primário até agora. E assim, até o momento sou a única que ingressou no ensino superior em uma universidade pública. Isso sob nenhuma perspectiva é motivo de orgulho, pois enquanto os meus não puderem acessar com facilidade esses espaços, eu serei uma exceção à regra; o que só indica o quanto vivemos uma desigualdade de classe e raça, e que as estruturas são excludentes para as minorias políticas.

Aos meus dois irmãos, primas e primos: estou trazendo o diploma pra gente. VAMOS LÁ! Dá muito mais trabalho para pessoas que partem dos lugares como os nossos. Entretanto, sejam quais forem os nossos sonhos, é possível viver de maneira abundante. VAMOS JUNTES!

Com os anos, vem à maturidade, e você começa a entender algumas coisas. E eu acho que entendi a responsabilidade que devo aos meus, quando passo a ocupar um espaço na universidade. Ao longo destes anos fui descobrindo o quanto essa ocupação só foi possível pela teimosia de reivindicar um espaço que é meu por direito, mas que só é possível na marra; e assim, com muita humildade reconheço a participação de cada integrante da minha família, na busca de realização desse sonho que só faz sentido se eu tiver a chance de retribuir, de alguma forma, a todas as pessoas que fazem parte dos meus “corres da vida”. No presente momento, em que escrevo esses agradecimentos, o que tenho de mais valor é a gratidão. Principalmente. A todas as minhas ancestrais, as quais os passos vêm de muito longe desbravando e abrindo caminhos para que hoje eu pudesse estar aqui, seguindo com a possibilidade de caminhadas muito mais leves do que as percorridas por elas.

Então vamos lá que a lista de pessoas, processos, afetos, história que devo gratidão é grande! E, como diz a intelectual negra brasileira Lélia Gonzales: ***“Negro tem que ter nome e sobrenome. Senão os brancos arrajam um apelido ao gosto dele”***, portanto, teremos nomes e sobrenomes de geral.

Quero agradecer a todas e todos que vieram antes, mas que infelizmente à estrutura racista tirou seus nomes e histórias de mim. Mas simbolicamente os trago representados nas minhas avós e nos meus avôs: A mãe do meu pai Maria Alves da Silva, hoje com 85 anos; quanto privilégio poder te dar vários cheirinhos, a sua vida é uma superação e (re)existência, a senhora é minha raiz, você é grande e eu sou pequena, obrigada por me dar a vida. A Dulcineia Iolanda dos Santos a qual a única imagem que tenho foi narrada com destaque aos seus cabelos bem crespos e sua pele da cor da terra. Infelizmente ela nos deixou quando a minha mãe tinha dois anos de vida, nem a dona Cirlei teve a chance de tocar o rosto da minha avó. Mas vó Dulce preciso dizer que a senhora nos deixou o seu legado de resiliência, obrigada por me dar a vida. Você é grande eu sou pequena!

Agradeço também aos meus avôs: ao seu João da Silva, gostaria de dizer que você partiu quando eu ainda tinha um ano e alguns meses de vida, mas lembro do seu rosto e da sua pele da cor de barro; tenho uma imagem de um dia nublado onde o senhor me segurava bem próximo a seu peito envolvida pelos seus braços: de um lado era seu rosto bem pertinho ao meu, como quem apreciava sua segunda neta menina e do outro lado era o clarão de uma das janelas do apartamento do conjunto dos Pinheiros (uma das favelas da Maré), e no ritmo de marchinha de carnaval e com um balanço agitado lembro-me de ouvir sua voz cantarolando: “Kelly enxerida do vovô cheirar o lalá o lá lálálalalálá, o lá lálálá, o lalálalalalaaaa...” Eu não poderia deixar de colocar essa referência que até hoje me emociona, e quando escuto meu pai cantando para o meu filho consigo reviver à única experiência que tive com você e que guardo com muito amor. Você me deixa leve mesmo não estando nesse plano. Obrigada!

Ao meu avô Francisco Olegário dos Santos, que infelizmente se foi quando a minha mãe ainda era criança; você era bonitão e tinha um estrabismo charmoso, te conheço por uma única foto. Obrigada! Então: João e Francisco, obrigada por me darem a vida, vocês são grandes e eu sou pequena!

Mesmo com as passagens dos meus mais velhos para outro plano de existência, e com a distância geográfica da minha avó Maria, que viveu muitos anos no estado da Paraíba, a vida não me deixou sem esse “carinho de avó”. Fui agregada à família da minha amiga Andreza e virei neta de coração da dona Erotides Borges da Silveira, a Dona Tina. Em cada aniversário ela me presenteava com um bilhete carinhosamente chamado de “pacotinho” pelos seus netos e netas biológicas, porque além das palavras escritas a próprio punho, tinha uma quantia em dinheiro envolvida no papel, cuidadosamente dobrado em formato de um pacote; e todos os anos ela repetia a tradição, e presenteava cada neto e neta em seus respectivos aniversários. Ela era católica e com sua fé me concedia sua bênção que me curava de várias dores simples no meu corpo e o seu arroz branco soltinho era um banquete para o meu estômago cheio de fome depois da escola. Hoje ela não está mais entre nós, mas sem dúvidas a vida foi muito generosa comigo por ter me permitido experimentar da sua ternura, sensatez, acolhimento, cuidado e amor. Obrigada, a senhora é grande e eu sou pequena!

À minha mãe Cirlei Olegário dos Santos, que é uma grande inspiração na minha vida e que aparece em toda construção deste trabalho. Espero conseguir dividir com as leitoras e leitores desta pesquisa, o quanto você é grande. Mãe, um "OBRIGADA" maior que o universo, por você existir da forma mais potente possível, e por ser a minha parceira de todas as horas, e também por ser uma avó amorosa e apaixonada. Temos sorte! Você é grande e eu sou pequena. Obrigada!

Ao meu pai Cícero Alves da Silva, agradeço a sua sabedoria e sua disposição sem igual para agregar e cuidar de todos nós, realmente é um privilégio em uma sociedade onde quase 50% da população não têm se quer em seu registro de nascimento a filiação paterna, ter um pai que me mostra o verdadeiro sentido de um amor incondicional. Você é o melhor avô que o meu filho poderia ter, e de tão excepcional segue liderando a lista de amores da vida do Gael, nesse caso estar em segundo lugar é uma honra. Quero te dizer que esse trabalho é o começo de um projeto maior e mais a frente quero conseguir te colocar na sua tão sonhada cadeira de balanço em uma casa grande próximo a praia criando as galinhas que você quer ter.

À minha tia, irmã da minha mãe, Maria Cristina Olegário dos Santos, você é um verdadeiro anjo na minha vida, estamos juntas há anos. Obrigada pelos seus cuidados comigo e principalmente com meu filho. Eu te amo, nós te amamos!

Agradeço aos meus irmãos mais novos, Kevin Lucas dos Santos da Silva e Yuri Felipe Viana. Kevin, você foi um sonho realizado, o dia do seu nascimento foi um dos dias mais felizes da minha vida, ver você na maternidade com aquela cara ranzinza, manchada de colírio e todo mundo estranhando o quanto você nasceu feio foi engraçado, porque pra mim você foi e segue sendo o bebê mais lindo que já vi na vida, obrigada por ser um irmão e tio parceiro. Yuri a sua chegada aos 15 anos em nossas vidas foi linda, você com seu humor inteligente, criativo e sagaz, e a sua capacidade de ser: generoso, atencioso e prestativo. Mas, principalmente, o que me encanta em você é a sua resiliência, você me inspira e me fortalece. Gael e eu temos sorte de ter você como tio e irmão respectivamente.

No início do meu processo acadêmico eu engravidei, não foi nada fácil, estar em processo de gestação dentro da universidade. Fui hostilizada de várias maneiras, ao ponto de ter que desistir. E, então, em 2014 passei de universitária favelada “lacradora” à mãe solo tendo que voltar para casa dos meus pais e quase sendo jubilada. Não consegui conciliar minhas inúmeras versões de: mãe solo, universitária, mulher com uma autoestima abaladíssima, ferida em um luto por ter vivido uma relação abusiva e de muitas violências, entre outras coisas. Mas, vale ressaltar que nunca estive sozinha; meus pais e meus irmãos nunca me deixaram. Entretanto, por parte da universidade não tive apoio nenhum, nem os protocolos oficiais da instituição foram cumpridos, e foi aí que perdi minha bolsa auxílio que comprometeu a minha permanência no curso de história da arte. Por mais de uma vez busquei por soluções e não tive ajuda de ninguém do departamento do curso, ao contrário, fui desencorajada a continuar essa trajetória e aconselhada por um professor a tentar outra coisa fora da universidade. Não deu para mim, me vi tendo que desistir mesmo, fui ser só mãe com o desafio de criar outros arranjos de sobrevivência para o meu bebê e eu.

Foram dois anos tentando outras formas de vida, e nada sendo eficaz o bastante para dar conta dessa nova demanda e dos meus sonhos, e assim, Gael com dois anos de vida e eu já imersa no meu processo de cura, me vi fortalecida para voltar e concretizar um desses sonhos. O Gael da Silva Aguiar, hoje aos cinco anos, foi o meu maior incentivo e segue sendo meu grande parceiro; ele é minha militância, meu sentido, ele é o meu amor incondicional, é o meu grande combustível para buscar vida e viver em abundância. Obrigada meu filho, você é o meu maior presente e essa é a primeira de muitas conquistas que compartilharemos... Nesse período conheci o Rafael (ele é branco, hétero, cis, não precisa de sobrenome, rs), que foi fundamental para essa virada de chave, você é um presente, seu branco namastê que toca samba na cachoeira e acha que está mudando o universo, vai tocar violino faz mais sentido. Obrigada branquelo, te amo!

Em 2016 quando voltei à faculdade, vi outro curso de História da Arte, outras pessoas e uma gestão muito mais humanizada. A professora Tatiana Martins - que era coordenadora do curso - fez de tudo para interromper o meu processo de cancelamento de matrícula: entramos com inúmeros processos, trancamento

retroativo para aumentar meu Coeficiente de Rendimento (CR) para tentarmos uma bolsa auxílio entre outras coisas. Me senti acolhida em ver o esforço dela em garantir a minha permanência na universidade. Ela também tinha o seu bebê ainda bem novinho e mesmo assim conseguiu reorganizar a vida de muitos discentes; a sua habilidade em resolver tudo com uma rapidez me impressionava. Lembro de uma vez passar por ela no corredor do sétimo andar da reitoria e ela me perguntar como estava o Gael, e eu retornar a pergunta em relação ao Joaquim que, na época, estava no período de dentição (quem tem criança sabe o que isso significa), e comentei sobre um problema em um dos processos. Quando cheguei em casa, lá estava o e-mail dela sinalizando que já estava tudo resolvido. Ela é realmente maravilhosa, Obrigada Tatiana!

Dentro de sala de aula encontrei o afeto do professor Ivair Reinaldim, quanta generosidade intelectual, quanta humildade na eterna busca para entender o que é a arte e como ela pode ser fundamental na disputa das minorias políticas. O seu Reinaldim foi responsável pela minha paixão por uma História da Arte possível; ele era o meu maior estímulo - depois de uma noite mal dormida no colchão da sala da casa dos meus pais -, para levantar e ir assistir a aula de historiografia da arte e foi aí que tudo passou a fazer sentido, o curso de História da Arte ganhou outra dimensão na minha vida. Em algumas de suas aulas precisei levar o Gael. Ficávamos tão à vontade em sala que o meu filho além de escrever ao quadro, imitando os gestos do professor, ele aos três anos de idade aprendeu a falar “antropofagia” – nem eu sei falar isso- rs! Obrigada Querido, você é um presente.

Tatiana e Ivair, as minhas genuínas gratidões. Vocês dois foram fundamentais para que eu pudesse continuar e com certeza vocês têm o meu amor.

Já que mencionei a instituição, não posso deixar de falar do governo Lula, governo do Partido dos Trabalhadores que mesmo com todas as críticas que tenho sobre esses 12 anos de gestão, foram os melhores governos que esse país já teve em especial ao ex presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que graças às suas medidas na área da educação consegui entrar em uma universidade pública federal. À ex presidenta Dilma Rousseff meu máximo respeito. Dilmãe é nós! É muito simbólico dentro desse contexto político atual, fazer essa referência.

Todo esse trabalho foi elaborado a partir do que a Maré me deu, eu devo muito a esse território, portanto agradeço aos 140 mil moradores desse lugar, estamos juntos! Mais uma favelada sendo exceção à regra. Vamos continuar lutando pelo nosso quilombo e fazer os nossos sonhos virarem regra!

Agradeço todas (os) as (os) professoras (res) que passaram pela minha formação básica feita toda em escola pública: na Escola Municipal Bahia e Escola Municipal Dilermando Cruz e o ensino médio no Colégio Estadual Visconde de Cairu. Às minhas amigas do ensino fundamental, Dayana de Santana Ramalho, Dayane da Silva Nunes e Elaine Alípio de Aquino: é um privilégio ter vocês por perto sempre, ao longo desses 19 anos de amizade e cumplicidade, cultivando afeto, respeito e amor. Obrigada, essa conquista é nossa! Thaíse Nunes Lima, obrigada pelas horas me ensinando matemática, química e física para eu conseguir sair do ensino médio, porque se não fosse isso, talvez eu estivesse lá até hoje, rs. Agora sabemos, não tem jeito, sou de humanas!

Andreza da Silveira Jorge, minha mestra, minha “terapeuta”, minha professora de dança, minha professora de vida, minha mareense mais top do rolê... Minha um monte de coisa e que muitas vezes exerce um papel duro de corrigir e educar, mas que também é responsável pelas gargalhadas que mais doeram minha barriga nessa vida. Minha amiga, meu incentivo acadêmico, meu exemplo de mulher, e ainda mais brilhante exemplo de mãe da Alice Odara. Agradeço por sua generosidade em trocar várias idéias sobre esse trabalho, agradeço pela atenção que você me dá em cada viagem minha, por mais besterol que seja, você sempre está aqui nem que seja para me gongar mas sempre de braços abertos pra me acolher. Você me completa e me dá sentidos na vida, abriu as portas da sua vida e da sua família para mim, dividiu sua avó Tina comigo e eu ganhei ainda mais pessoas que são fundamentais na minha vida como: Luana Vieira da Silveira, minha comadre e parceira de todas as horas. Se estou aqui agora é porque você esteve ao meu lado em todos os momentos dessa conquista, nunca mediu esforço para fazer eu me sentir capaz e esse canudo aqui é nosso. Você é genial, mesmo reunindo todas as características dos sete anões em você como: soneca, zangado, feliz... e por aí vai... Depois eu pesquiso no Google para te dizer, rs. Você também dividiu os cuidados do seu pai comigo, ao seu Gilberto Luiz da Silveira, hoje meu compadre

Beto. Obrigada Tio Beto! Rafaela Silveira de Carvalho, meu amor, minha flor, minha menina. Como você cresceu, como você está cada dia mais linda; é emocionante acompanhar todas as suas conquistas. Mãe do Rodrigo Silveira (vulgo Bido) também me ensina muito sobre esse desafio! Obrigada! Rosangela Silveira de Carvalho, obrigada por sua sensatez, por suas palavras assertivas e sua tamanha generosidade, você é fundamental pra mim. Ricardo Silveira (vulgo Pará) tem sorte de ter uma mamãe tão genial.

Gilson da Silveira Jorge, nos últimos meses tivemos a chance de afinar ainda mais nossa amizade e é um privilégio poder conversar com você sobre tudo e perceber o quanto você segue se superando. Você é um gênio. Obrigada parça, desbrava esse curso aí calouro, qualquer coisa pode recorrer a sua veterana aqui.

Gente, estou com sensação de que não vou acabar “marnunca” esses agradecimentos, mas é porque eu ainda preciso agradecer: Adair José de Aguiar da Silva, pai do Gael, que depois de muitas desavenças conseguimos estabilizar nossas diferenças em busca de um objetivo maior que é a qualidade de vida do nosso filho. Às irmãs do meu pai, em especial Helena Alves da Silva, por sempre ter sido a minha tia mais carinhosa, a Djanira Alves da Silva por fazer minhas roupas e garantir um ótimo almoço de domingo e a Anita Alves da Silva por segurar com muita bravura essa família e por cuidar praticamente sozinha da minha avó. A irmã da minha mãe, minha tia Rejane Olegário dos Santos, que tenta de tudo para ajudar no que for preciso. Obrigada! E estendo os agradecimentos a todas as minhas tias e tios, vocês têm o máximo do meu respeito.

Gostaria de agradecer todos os meus primos e primas, em especial o meu primo mais lindo, Felipe Alves da Silva, que é meu ouvinte nas crises, obrigada primo. Te Amo! E minha prima Debora Cristina dos Santos Martins. Eu te amo muito, minha preta, minhas melhores memórias da infância foram vividas com você.

Agradeço as minhas amigas e o amigo: Delayr Costa, Patrícia Lima e Anderson Santos, vocês são fundamentais na minha vida em todos esses anos de parceria. Amo vocês.

Mauricio Moreira Venceslau de Castro, que nos últimos meses tem sido um grande parceiro e companheiro. Está sendo incrível dividir a vida com você e por

isso compartilho dessa conquista e espero que seja a primeira de muitas que compartilharemos.

A todas as mulheres do projeto “Mulheres ao Vento”, em especial Simonne Alves por dividir seus talentos com todas nós. Epahey!

Aos meus colegas de faculdade: Valquiria Pires, Vitor Gomes e Alan Muniz; entramos juntas na turma de 2012/2. Obrigada!

Renato Mendonza e Pedro Oliveira, valeu pela paciência de ler e darem seus pitacos fundamentais neste trabalho. Obrigada!

Tainá Dutra, Elton Oliveira e Natalia Rodrigues. Vocês são seres de luz. Obrigada!

Natasha Gomes pelos seus sorrisos, por sua simplicidade e empatia. Obrigada POR TUDO, sobretudo, pela formatação desse trabalho.

Michele Gomes minha professora na academia que cuida da minha saúde física e é de uma generosidade que, que ao me ver chorando por causa deste trabalho, aumentou o peso na barra no exercício de agachamento e depois me ajudou com a revisão, rs.

Gostaria de agradecer a Claudia Rose(coordenadora do Museu da Maré) e Vanessa Greff (produtora do Museu da Maré) por lutarem por esse espaço e por terem aberto as portas para que a defesa deste trabalho se realizasse dentro do museu, onde torna ainda mais potente essa pesquisa. Obrigada por tamanha generosidade.

E fico por aqui, agradecendo a banca composta por meu orientador professor Dr Vinicios Kabral Ribeiro, a intelectual negra e Mestra Andreza Jorge e ao professor Dr Ivair Reinaldim

Axé!

*“Desde pequenas
Aprendemos que o silêncio não soluciona
Que a revolta vem à tona, pois
A justiça não funciona
Me ensinaram que eramos
Insuficientes
Discordei, para ser ouvida, o
Grito tem que ser potente”
Mc Carol e KarolKonká*

RESUMO

SILVA, Kelly Santos da. **MODA: SIGNIFICADOS DA INDUMENTÁRIA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES FAVELADAS.** (Bacharelada em História da arte) Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2019.

O presente trabalho busca a partir dos estudos do cotidiano da favela, em especial as pertencentes ao bairro Maré, perceber os caminhos da indumentária na afirmação de sujeito e sujeita no território. O principal objetivo é analisar como as construções de uma identidade favelada nascem das relações dinâmicas que as roupas estabelecem nas imagens individuais, e corroboram a uma imagem coletiva forjando assim, uma imagem e uma identidade potente e criativa do corpo favelado que, realiza uma moda: subversiva, antirracista e contra-hegemônica.

Palavras-chave: Maré; Moda, Comportamento; favelada(o); Subversão; Identidade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa do Complexo da Maré	07
Figura 2	Cena Farpela – Espetáculo Adentro: Perfomances em Movimento.	12
Figura 3	Victor Hugo – Coleção 2020	31
Figura 4	Tênis Nike Air Max 90	34

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo 1: Eu Favelada: meus caminhos, meus sentidos	06
1.1 Corpo favelado se afirmando pela indumentária	16
Capítulo 2: Moda: Identidade coletiva nas estruturas de comportamento e estilo	21
2.1 Identidade como significação	22
2.2 Maré e a moda	30
Considerações finais	36
Referências bibliográficas	44

INTRODUÇÃO

A história da moda, dentro uma perspectiva decolonial¹, tem seus estudos e fontes pouco exploradas em relação à moda hegemônica. Assim como outros segmentos da historiografia, a moda segue os padrões europeus em sua escrita e sua história se concentra no processo de civilização eurocêntrica². Didier Grumbach, na introdução de seu livro “História da moda”, já nos coloca um aspecto dessa ótica voltada para essa relação da moda absoluta que é estabelecida a partir do pensamento europeu, e que dentro de uma união de países que têm historicamente a pretensão de universalização e domínio de outros povos, discorre sobre a concorrência estrangeira a alta costura francesa. Embora em seu texto ele não cite os países concorrentes, é possível deduzir que se trata de países de primeiro mundo, justamente por estarem dentro dessa norma eurocêntrica e que acirra uma disputa por domínios, também no campo da moda; essa conclusão é possível a partir de fatos da história geral dentro do processo capitalista que é a atividade econômica predominante que divide o mundo em raça e classes.

A partir do trecho abaixo, onde Didier fala da estrutura da singularidade da alta costura francesa, gostaria de refletir sobre os modos de estruturação dessa moda excludente e como ela corrobora a um domínio de narrativas hegemônicas:

Com efeito, **a costura francesa é singular** em dois sentidos, beneficiando-se de um status de exceção que a distingue, por um lado, da confecção **por seus preços, sua técnica, sua clientela, sua aura**, e, por outro, de suas **concorrentes estrangeiras** pela indiscutível originalidade de sua trajetória. **Por mais de um século**, e até o início dos anos de 1960, a alta costura, **altiva**, reina sem rival

¹Abordagens decoloniais tornaram-se temática incontornável para a pesquisa nas artes (PALERMO, 2009), na educação, nas letras e em todas as áreas no campo das ciências humanas (MIGNOLO, 2015). Ao partir de um novo olhar epistemológico, o decolonial não apenas reivindica posições pós-coloniais para os problemas que afligem o mundo contemporâneo, mas também, ao fazer isso, evidencia inseparavelmente sua implicação direta com a edificação violenta de um padrão de poder instaurado com o colonialismo moderno. Em vista disso, observa-se a crescente expansão de estudos que procuram dar visibilidade e protagonismo a vozes excluídas, marginalizadas e, sobretudo, colocadas (não de forma ingênua) historicamente e politicamente em bordas hierarquicamente arranjadas para que determinados grupos possam falar em detrimento de outros. Fonte: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2018/10/23/o-decolonial-na-pesquisa-em-artes-no-brasil/> Acessado em dia 28/11/19 às 15:40

²Quem ou o que emite opiniões e julgamentos tendo a Europa como centro de referência e "modelo" de sociedade, Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/euroc%C3%AAAntrico/> Acessado em 28/11/19 às 15:45

no gosto do vestuário, **ditando a moda para o mundo inteiro** (GRUMBACH, 2009: 8 [grifo meu]).

Os pontos grifados no trecho do texto do livro do Grumbach é para traçarmos um pensamento do que forja essa relação unilateral estabelecida por esses modos hegemônicos que tem na sua essência a ideia de domínio e poder.

“Costura francesa é singular” - o que é ser singular? A ideia de “unicidade” nesse texto fica por conta dos próprios modos operantes da alta costura que procura se diferenciar com elementos de exclusão a partir da atribuição de altos valores monetários que restringe acessos, criando uma clientela seleta onde o conceito de aura dentro de um campo místico corrobora uma superioridade dessa produção francesa e assim, as concorrentes estrangeiras não conseguem alcançar, mas não por falta de competitividade de mercado, e sim, pelo valor único colocado nesta criação. Um exemplo dessa relação de superioridade ativada pelo conceito de aura são as unicidades das artes no campo visual, com o trecho do livro do Walter Benjamin, tentarei fazer uma comparação a respeito da criação desses valores, onde ele nos diz:

A unicidade da obra de arte é idêntica a sua inserção no contexto da tradição. Essa tradição é ela mesma completamente viva e extraordinariamente mutável. Uma estátua antiga de Vênus, por exemplo, encontrava-se em um contexto de tradição diferente entre os gregos, que dela fizeram objeto de culto, que entre os clérigos medievais, que nela viam um ídolo maléfico. No entanto, o que se colocava igualmente diante de ambos era sua unicidade, ou seja: sua aura. A maneira originária de inserção da obra de arte no contexto da tradição encontrava-se sua expressão de culto. As obras de arte mais antigas, como sabemos, surgiram a serviço de um ritual (BENJAMIN, 2014: 31).

Walter Benjamin fala sobre uma relação de culto a uma determinada obra de arte, e os aspectos que estabiliza esse “valor de culto” é viabilizado pelo mesmo sistema que agrega unicidade, ou seja, em outras palavras, eles mesmos decidem entre si a partir de vários códigos padronizados o que tem valor ou não e coloca como uma verdade incontestável dentro dessa estrutura de poder universal eurocêntrico. Seguindo aos grifos da citação do livro de Didier Grumbach, ser “ativa” significa considera-se superior e que pode está relacionado a um comportamento

que denota arrogância ou soberba, ou seja, podemos localizar de onde partem esses preceitos e valores da moda dita como mundial em suas funções de ditar (palavra que vem de ditadura) um comportamento ao mundo inteiro por se entender com uma unicidade.

Desde criança pessoas pretas, racializada, sobretudo faveladas são ensinadas que precisam se vestir de maneira impecável para não serem lidas como alguém que está a margem, e isso, é muito comum de ser ouvido de mães pretas, sobretudo, na favela. Pois trata-se de um agenciamento de proteção desse corpo que o tempo todo é alvo de um tratamento marginalizado e que está passivo de morte pelos motivos mais banais possíveis; a desumanização e a desvalorização da vida de pessoas negras e racializadas é o resultado da escravização de negros pertencentes ao continente Africano, e até hoje a nossa luta é pelo direito básico de viver.

Neste trabalho de monografia tenho o objetivo de iniciar uma pesquisa mais profunda sobre as relações decoloniais da moda e pensar seus significados dentro das afirmações de (re)existência de corpos negros, favelados e racializados que estão fora do centro do mundo. A ideia geral é refletir a cerca de como a moda se manifesta e o que ela significa dentro de uma narrativa histórica contra-hegemônica e de troca de signo entre corpo e território, nesta pesquisa, pretendo levantar algumas hipóteses a respeito dessa dinâmica onde o objetivo específico é: discorrer sobre possíveis atuações da moda na fundamentação de uma identidade favelada e o campo de pesquisa escolhido é o complexo da Maré onde me encontro enquanto sujeita ativa dessas relações. Ao longo do trabalho irei levantar questões inerentes a essas trocas que são demandadas pelo território com seus agentes ativos, construindo assim uma identidade imagética no campo da historiografia da arte da favela; e na subversão dessa ordem unilateral convoco uma relação interseccionada pelo: corpo favelado, comportamento, territorialidade, agenciamentos de raça e classe e assim gostaria de iniciar uma reflexão a respeito de uma unicidade. Só que agora, por nós mesmos.

A metodologia de pesquisa adotada foi à observação das práticas cotidianas de moradores de diferentes favelas da Maré que, junto a minha experiência de moradora corroborou uma reflexão das análises que serão abordadas ao decorrer

do texto, pois: “Sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criaturatanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados.” (Gloria Anzaldúa. 2005. P.708)

Ao longo de toda análise fui sujeita ativista da minha própria pesquisa e assim adotei como metodologia a pesquisa ativista que, de acordo com Vilaça (2016) seria:

Vale-se de intensa imersão e contato emocional com o tema, contexto, historicidade, pessoa, grupo e território a ser explorado. Revela-se enquanto fazer antropológico sem exotizar, objetificar e/ou desumanizar as populações parceiras, como muito fez a etnografia clássica eurocentrada. Em contraposição a esta última, a pesquisa ativista situa-se enquanto parceira horizontal junto ao outro que é parte a ser revisitado academicamente. Constrói e ressignifica coletivamente as impressões das realidades respeitadas a serem pesquisadas (VILAÇA, 2016:97).

No primeiro capítulo construo uma narrativa de como as relações dentro da Maré são traçadas. Faço isso a partir da minha história e da minha família, e o objetivo dessa primeira parte é situar as leitoras e leitores sobre meus possíveis pontos de partida na construção das análises percorridas ao longo de todo trabalho. Pois, quando falamos de corpo favelado é impossível definir de maneira conclusiva ou traçar um único caminho de análise; sobretudo por estarmos falando fundamentalmente de intersecções de raça, classe e gênero. A interseccionalidade é um ponto crucial deste trabalho, a intelectual negra Carla Akotirene forjou uma ideia desse conceito que serve como base para refletirmos sobre o cenário que se desenha na perspectiva das favelas (da Maré), onde temos uma população majoritariamente negra que ocupa a base da pirâmide social, e na maioria das vezes tem seus arranjos familiares geridos economicamente por mulheres racializadas, e nesse sentido, AKOTIRENE(2019) nos diz:

A interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas. Trata-se de experiência racializada, de modo a requerer sairmos das caixas particulares que obstaculizam as lutas de modo global e vão servir às diretrizes heterogêneas do Ocidente [...] É fácil discursivamente

desautorizarmos usos hegemônicos de interseccionalidade, resgatando somente Du Bois ao considerar branquitude um privilégio...(AKOTIRENE, 2019. p48)

Na segunda parte da monografia trago histórias que corroboram a importância da indumentária no processo de construção de uma identidade individual e coletiva. Além disso, trago algumas hipóteses sobre as possibilidades de uma identidade favelada por meio das imagens de si para o externo. E por último, discorro sobre a importância desse estudo para as historiografias das artes da favela, e convoco a assumirmos – estudiosas (os) do campo das artes- a responsabilidade de evidenciar e/ou ativarmos essas imagens potentes que sobrepõe às narrativas marginalizadas a respeito do espaço favelizado, seguindo na construção de uma teoria e imagem que forja as potências faveladas. Segundo bellhooks³ (2017), “a teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim”. Sendo assim, existe uma necessidade de disputarmos essas narrativas das artes da favela para potencializar seus aspectos e processos de cura e liberdade.

Nem o cinema, nem as políticas públicas, nem os intelectuais estão preparados para esses moleques que fazem do corpo, da palavra e do território a imagem do Brasil. A peleja continua.

(Marcus Vinícius Faustini)

³A intelectual bellhooks tem como marca política a adoção do seu nome grafado com letras minúsculas, por isso ao citá-la revento determinados signos e códigos acadêmicos.

CAPÍTULO 1 - EU FAVELADA: MEUS CAMINHOS, MEUS SENTIDOS

Iniciar uma pesquisa onde me percebo sujeita ativa é pensar o lugar que tenho como ponto de partida. E esse lugar é a Maré. Esse bairro é composto por 16 favelas onde vivem cerca de 140 mil pessoas que criam suas narrativas de vida ao longo do trecho que vai do Caju até Ramos. Localizada às margens da Baía de Guanabara, a Maré está cercada das principais vias da cidade que são: RJ-071 mais conhecida como linha vermelha, a linha amarela - que liga a zona norte a zona oeste -, e parte da BR-101 popularmente chamada de Avenida Brasil, que é uma das principais vias do estado. Além de uma recente via que é parte dos transportes integrados da cidade, uma linha do sistema BRT (com a sigla em inglês que significa Transporte rápido por ônibus) que tem uma estação na Maré e conecta o aeroporto Internacional do Galeão à zona Oeste da cidade, por uma linha de acesso exclusivo para ônibus. Nesse sentido, qualquer pessoa que circule pela cidade e que necessitar se deslocar das zonas sul, norte e oeste até de outras regiões do estado se quiserem chegar ao aeroporto internacional Tom Jobim precisa passar pela Maré.

Na perspectiva de industrialização no espaço urbano na década de 1930, ocorreu um investimento em infra-estrutura, sobretudo na construção de estradas para ligar o centro da cidade a zonas mais distantes, e nesse contexto temos uma chegada expressiva de nordestinos à procura de trabalho na expectativa de uma melhora de vida. A Avenida Brasil foi um desses investimentos da época e nesse processo participou de pontos fundamentais e determinantes para o surgimento de uma Maré tão diversa.

A partir de inúmeros processos de ocupação, a Maré seguiu sendo formada expressivamente por essas pessoas que trabalharam na construção da avenida, e até o fim dos anos 1970, o bairro reunia seis favelas: Parque Maré, Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Parque Rubens Vaz, Parque União e Nova Holanda. Em uma transformação contínua o espaço que estava sendo estabelecido às margens da Baía da Guanabara e por isso encontrava-se em uma área alagadiça; a Maré vai nascendo em meio às palafitas e, com a retirada dessas estruturas de madeira que impediam que as casas fossem alagadas com maré alta, e por meio de

militância de moradoras(res), principalmente as mulheres pertencentes as essas seis favelas iniciais, começam a surgir outras favelas como: Vila do João, Vila dos Pinheiros, Conjunto Esperança e o Conjunto dos Pinheiros e, ainda através de articulações de grupos de moradoras da Maré em busca de uma infra-estrutura mais digna que surgem os conjuntos habitacionais: Nova Maré (chamado de casinhas) e o conjunto Bento Ribeiro Dantas mais conhecido como Fogo Cruzado. Em 2000, o último conjunto habitacional construído foi o Salsa e Merengue; portanto, junto com a praia de Ramos e a Roquete Pinto, completam o número de quinze favelas da Maré. No mapa a seguir é possível ver como essas favelas estão distribuídas em quase 5 quilômetros de extensão. A décima sexta favela da Maré é a Marcílio Dias, embora esteja localizada em outro bairro, há uma aposta política de integração da comunidade a partir da união das associações de moradores de todas as favelas da Maré tendo, portanto, um representante na figura do presidente da associação desta favela da Maré geograficamente localizada no bairro da Penha.



(Figura 1- fonte: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/3086-mare-uma-cidade-dentro-do-rio-de-janeiro>)

As 16 favelas da maré seguem em seu cotidiano de transformação significando seus trajetos nas relações com a cidade, inventando maneiras de vida e criando identidades para o restante da cidade. Já que estamos falando de um

território de grande visibilidade geográfica, em seu livro ‘Testemunhos da Maré’ Eliana Sousa Silva descreve alguns aspectos desse cotidiano inventivo o qual gostaria de dividir com as leitoras(es) desse trabalho:

No dia a dia da maré, elementos fortes são percebidos imediatamente: o cheiro forte nas vielas em função do sistema de esgoto precário; a musica permanente, principalmente funk ou forró; as ruas principais ocupadas por barracas, que vendem os mais diversos produtos; a grande variedade de lojas, na maior parte das vezes de médio e pequeno porte, destacando-se os muitos espaços de vendas de bebidas alcoólicas; a grande frota de veículos especialmente motos, bicicletas e vans, que disputam as ruas com uma multidão de pessoas de todas as idades, principalmente crianças, adolescentes e mulheres – presenças permanentes nas ruas, em todos os horários e dias com destaque para as noites e os fins de semana (SOUSA, 2015: 52).

As ruas da Maré são vibrantes, elas pulsam vida, que muito embora estejam ligadas a adversidades desenvolvem maneiras objetivas na construção de uma identidade coletiva.

A forte presença de pessoas nas ruas é o elemento que mais impacta aqueles que vão pela primeira vez a uma favela como a Maré; à noite enquanto as ruas dos bairros de classe média estão vazias, com seus moradores em suas casas e seus apartamentos repletos de grades, a favela está com o comércio aberto, os bares pulsando cheios de vida (SOUSA , 2015:52).

A partir dessa contextualização da Maré, gostaria de situar a leitora a respeito da minha trajetória nesse território e os atravessamentos provocados pela constante troca com esse espaço, estando imersa nesta pesquisa é fundamental traçar meu ou os meus pontos de partida para construção dessa análise. Hoje me vejo dentro da academia me transformando em uma mulher intelectual da favela e é de extrema importância identificar e pontuar meus passos até aqui.

O meu processo na graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) teve início antes mesmo de se oficializar com a aprovação no SISU em 2012. Desde 1989 meu pai trabalha no Centro de Ciências e Saúde (CCS) na UFRJ e a partir desse emprego de cargo público ele começou a entender que existiam

outros caminhos de ascensão possíveis de serem ocupados, e daí começamos uma longa jornada e projeção para o dia em que ia andar por aqueles corredores como universitária. Aos 22 anos ingressei em uma das maiores universidades desse país e segui nessa trajetória refletindo sobre os meus arranjos cotidianos e agenciamentos coletivos que, enquanto moradora de favela, fui desenvolvendo.

Crescer em uma favela e ter a experiência de vivenciar um modelo de comunidade repleta de significados que estão próximos a uma experiência coletiva, onde é possível perceber referências e proximidades com práticas culturais africanas e de povos indígenas, me autoriza a dizer que a favela seria uma extensão de um quilombo; e esse arranjo coletivo forjou todo meu modo de vida.

Existe um entendimento equivocado largamente ampliado nas grandes mídias a respeito da ideia de comunidade. A negatização da imagem dos espaços de favela atrelada ao termo “comunidade” cria um senso comum de espaço físico de carências, entretanto, comunidade é um conceito fundamental a nossa (re)existência e trata-se de um coletivo com arranjos práticos, afetivos e solidários que ajustam uma forma de vida bem particular as pessoas pertencentes a esse modo cultural de vida.

É certo, portanto, que a Maré foi fruto do fenômeno da periferização e da precarização [...]. Entretanto, é igualmente certo que a Maré também resulta da luta corajosa e persistente de seus moradores, pois, [...] foi a ousadia de seus protagonismos que permitiu, a despeito dos interesses contrários, transformar os inóspitos manguezais da enseada de Inhaúma em lar.... Um lar chamado Maré! (DINIZ, CASTRO, RIBEIRO, 2013: 46)

Nasci e fui criada na Maré, e sempre vivi e sigo vivendo de várias maneiras as experiências desse lugar. Meus vizinhos sempre foram à extensão do que entendo como ideia de família. Uma prática muito afetuosa entre minha mãe e suas amigas era o compartilhamento de comida que fosse um pouco mais elaborada em relação ao básico arroz e feijão, uma feijoada, por exemplo, além de ser o nosso almoço de domingo se tornava através dos potinhos que minha mãe enchia e dividia com suas amigas, o almoço de outras famílias vizinhas. A partir desses e de outros ensinamentos vivenciados na prática cotidiana, entendi que sozinha não é possível construir nada, e que o coletivo é necessário em qualquer construção, sobretudo, de

si próprio e de nossas assimilações de mundo. E, ao longo da minha vida, nunca abri mão de fortalecer os meus laços com essa relação de comunidade.

A minha experiência com a Maré, enquanto moradora, sempre foi de muita intimidade com território. O “prêmio” por bom comportamento na semana era ser levada na garupa da bicicleta do meu pai até a Vila do Pinheiro para escalar no parque ecológico, mais conhecido como “mata do Pinheiro”, que é um espaço amplo e com bastante área verde, famoso por ser um lugar divertido para brincar. Muitas vezes estendíamos um pouquinho às pedaladas até a Vila do João, onde é a casa da minha avó. A casa da mãe do meu pai tinha um diferencial que era um grande quintal, lembro que o auge dessa visita era poder tomar banho na grande piscina de 3 mil litros junto com os meus primos. Ambas as favelas fazem parte do conjunto de 16 favelas que constituem o bairro Maré. As barreiras de um território marcado por disputas armadas⁴ nunca me impediram de circular pela Maré.

A minha primeira experiência enquanto pesquisadora do lugar que nasci foi o NUMIM⁵ (Núcleo de Memórias e identidades da Maré) onde tive a possibilidade de conhecer uma Maré cheia de oralidades, memórias de resistências, inventividades, potências e muitas maneiras de afetos. Outra experiência que me marca nessa trajetória de mulher favelada foi à participação em um projeto chamado Mulheres ao Vento, que é um coletivo de dança de diáspora africana⁶ que atua dentro da

4No livro “A ocupação da Maré pelo exército Brasileiro – Percepção de moradores sobre a ocupação das forças armadas na Maré”, ano 2017), Eliana Sousa Silva diz que “a vida cotidiana nas favelas da Maré tem sido marcada, historicamente, pelo atravessamento de violências que conformam uma paisagem na qual estão presentes quatro grupos criminosos armados existentes no Rio de Janeiro: comando vermelho (CV), Terceiro comando (TC), Amigos dos Amigos (ADA) e a Milícia. Em que pese as especificidades de cada um desses grupos – já que a forma de lidarem entre si, com a polícia e com os moradores é diferenciada – o conflito entre eles criou um processo complexo em torno do direito de ir e vir, dentro de outros limites impostos no cotidiano” (SILVA, 2017)

5Núcleo de memórias e identidades da Maré (NUMIM), com o apoio da Secretaria de Estado e Cultura do Rio de Janeiro **trata-se um projeto da REDES de desenvolvimento da Maré** onde seu objetivo principal era tratar questões relativas à memória, à história e à identidade dos moradores e também traçou-se um quadro mais geral sobre o desenvolvimento das favelas na cidade do Rio de Janeiro. O trabalho contou com a participação de jovens estudantes (alguns já cursando a universidade) da própria Maré, que faziam parte da equipe NUMIM (eu era uma dessas estudantes). Esse aliás era um ponto fundamental, pois juntamente com o objetivo de registrar a memória coletiva local houve também , sobretudo os mais jovens, no campo da pesquisa histórica, para que eles desenvolvessem autonomia suficiente para fazer novos trabalhos nessa área. (Texto tirado da apresentação do livro “memórias e identidade dos moradores do Morro do Timbau e Parque proletário da Maré”) [grifo e um acréscimo meu ao texto.

6A diáspora africana é nome dado a um fenômeno histórico e social caracterizado pela imigração

perspectiva de *escrevivência corporal*⁷ com mulheres racializadas e faveladas na Maré. Esse projeto foi crucial para compor a minha identidade de mulher afro-indígena, favelada e intelectual, e nesse sentindo me sinto acolhida pelas palavras da escritora latina-americana Gloria Anzaldua, e gostaria de compartilhar um trecho onde ela diz:

É difícil diferenciar entre o que é herdado, o adquirido, o imposto. Ela (a mestiça) põe a história em uma peneira, separa as mentiras, observa as forças das quais nós enquanto raça, enquanto mulheres temos sido parte [...] Esse passo representa uma ruptura consciente com todas as tradições opressivas de todas as culturas e religiões [...] Aprende a transformar o pequeno “eu” no “eu” total. Se torna moldadora de sua alma. Segundo a concepção que têm de si mesma, assim será. (ANZALDÚA, 2005; p.709).

Portanto, posso dizer que foi nas umbigadas do jongo, nos passos do côco, nos textos da autora negra brasileira Lélia Gonzales, na trajetória da quituteira negra articuladora da revolta dos Malês Luiza Mahin, nas citações da autora negra norte americana Angela Davis, nos esperançosos artigos da escritora negra norte-americana bellhooks, nas cartas da escritora latina-americana Glória Anzaldua, na genialidade da baiana, intelectual negra Carla Akotirene, nos abraços apertados da mestre Andreza Jorge, moradora da Maré e coordenadora do projeto Mulheres Ao Vento, nos toques da alfaia da artista multilinguagem e também coordenadora do

forçada de homens e mulheres do continente africano para outras regiões do mundo. Esse processo foi marcado pelo fluxo de pessoas e culturas através do Oceano Atlântico e pelo encontro e pelas trocas de diversas sociedades e culturas, seja nos navios negreiros ou nos novos contextos que os sujeitos escravizados encontraram fora da África [...] Mas não só de violência o cotidiano desses sujeitos era feito. Um mundo de trocas e sociabilidade se constituiu a partir da experiência do novo local. Formas de ver o mundo, domínio de diferentes tecnologias, idéias, crenças são exemplos destas trocas. Africanos de todas as partes do continente precisaram construir novas formas de viver em terras (hoje) brasileiras. Assim, a diáspora não é apenas sinônimo de imigração a força, mas também uma redefinição identitária, ou seja, a construção de novas formas de ser, agir e pensar no mundo. (Fonte: portal Geledés texto de Ana Luiza Mello Santiago de Andrade <https://www.geledes.org.br/diaspora-africana/> acessado em 05/11/2019 às 10:27)

7A intelectual negra, Andreza Jorge em sua dissertação de mestrado constrói um conceito de *escrevivência corporal* na junção dos entendimentos de corpo como linguagem e seus movimentos. Ela cita que: “Com o entendimento de dança como linguagem ampliado para escrita do corpo, ouso unir com o conceito de *Escrevivência*, forjado pela escritora e intelectual negra Conceição Evaristo, como a escrita da vivência da mulher negra e, assim, alargar o seu significado, possibilitando um novo entendimento, com nova conceituação, a fim de dar ênfase para a escrita comunicada pelo corpo, surgindo assim a **Escrevivência corporal** que, na própria definição de *Escrevivência*, feita pela escritora, é carregada de movimento e atravessada por todas as condições de quem a realiza. (JORGE, 2019, p.88)

Mulheres Ao Vento, Simonne Alves e ao som do funk, como trilha sonora nas ruas da Maré, é que guardo na memória o lugar que estou e o quanto é diverso e cheio de culturas contra-hegemônica e ancestral por excelência. Sendo assim, gostaria de compartilhar a partir da foto abaixo, a performance que atuei no projeto Mulheres ao Vento, iniciando meu processo de cura que segue em curso.

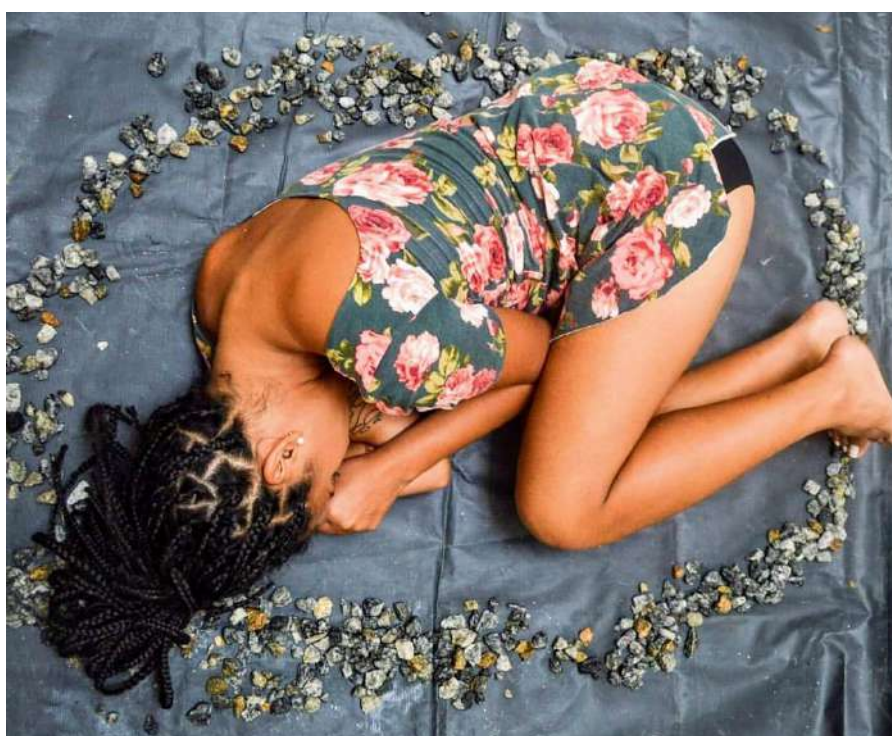


Figura 2- Foto: Rogerio Brunelli Acervo MAV (Foto da cena “farpela” que compõe o espetáculo Adentro-Performances em movimento, que participei depois de um processo de cura junto às mulheres participantes do projeto “Mulheres ao Vento”).

Compartilho também o poema “Amém” que fazia parte da construção da minha fala para apresentação da performance supracitada, tais elementos aqui expostos foram fundamentais para pensar e elaborar minha condição de mulher a partir dos marcadores de diferença de classe e raça que, ao se interseccionarem, forjaram toda minha subjetividade:

Amém

No corpo de mulher fica presa sua ordem

Desejo, tesão e gozo

Cada dia ficando mais forte

O medo de não ser e estar onde devia

Me fez acreditar que sou sua

E que nunca fui minha

Meu grito é de histeria

Mas louca eu nunca fui

Até pra me proteger das pedras

Puseram um homem, um Jesus

A pedra ainda bate em mim

E eu nunca me esquivei

E quando acerta dói, eu sei.

Sua mão que macula meu rosto

Já fez tantas de mim sangrarem

E sentir o gosto

Gosto do prazer de ter o domínio de um corpo

Vibrante

Que pulsa a força da vida

E que morre a cada instante

A contradição de um poder de gerar e padecer

Que separa o ser ou não ser

Da sua vã filosofia

Ao passo que morro cada vez que um ventre cai

Renasço e me fortaleço da vida que dele sai

Nunca sua prisão vai ser possível em mim

É pela força ancestral que ainda estou aqui

Esse poder que vem do outro,

O segundo sexo, como classificam

Vive dizendo o que meu sexo significa

Corpo, alma, desejos puros e impuros

Sexualidade vazando pela fresta

Não preciso que me diga outro homem

Que meu corpo é uma festa

Quero outra voz

Pra falar mais que verdade

Voz de mulher, de alma, sangue, carne

JORGE, Andreza (2017:63)

A partir dessas experiências, segui com meu trabalho de pesquisadora, com a missão de encarar uma Maré desafiadora, fortalecendo e significando o meu lugar de pertencimento e formação social e afetiva. Fui cercada por muitas mulheres ao longo da minha vida; sobretudo as mais velhas, se dispuseram a dividir seus conhecimentos, suas experiências, que me fizeram entender as minhas fraquezas subjetivas, e desse ponto de partida construir forças objetivas. Esse processo foi evoluindo de uma forma tão sensível que consegui acessar lugares antes tão escondidos que nem sabia que eles eram possíveis de existirem: dores, angústias, autoconfiança, autoestima ou a ausência delas.

Na minha casa éramos meu pai, minha mãe e eu. Meu pai, filho de retirantes nordestinos fazia parte uma família numerosa. Minha avó paterna pariu treze filhos. Dona Maroca, como é carinhosamente chamada pelos seus dez filhos vivos, teve uma vida marcada por muitas renúncias e duras perdas. Nascida na cidade de Timbaúba no estado de Pernambuco, ela traz em seus traços fenotípicos e hábitos da cultura indígena, a qual ela foi criada. Ela fala muito pouco sobre as experiências da sua juventude, mas conta o quanto era feliz com seu cachimbo e contato diário com a terra perto do açude, e só uma vez, dentro de suas reservadas palavras sobre o assunto, deixou passar a informação de que foi tirada de sua terra obrigada, ainda muito nova, o que me indicou uma prática de laçamento, comumente praticada contra mulheres indígenas em um cenário de colonização.

Minha avó e meu avô paterno vieram para o Rio de Janeiro e aqui no Complexo da Maré criaram seus filhos. Em 1992 aos 82 anos, meu avô faleceu e mesmo com uma idade avançada foi uma morte repentina, meu pai e minhas tias e tios contam que ele tinha uma ótima saúde e que era um dos moradores mais ativos da antiga rua K da Nova Holanda, e em vida ele foi homenageado por outros moradores que escolheram a data de seu aniversário para nomear a rua, e até hoje a rua 15 de Janeiro tem em sua memória a vida do seu João da casa 27.

Minha avó antes de ter os filhos homens pariu quatro mulheres: Maria de Lurdes, Anita, Djanira e Helena. Então pode-se dizer que a criação dos meninos foi majoritariamente por mulheres, uma vez que a tendência de famílias numerosas é ter os mais velhos cuidando dos mais novos. As irmãs do meu pai, por serem mais velhas, chegaram a “idade de trabalho” antes dos meninos, indicando que além dos cuidados afetivos que elas tinham pelos irmãos mais novos, eram parte ativa na economia doméstica que era gerida, principalmente pelo salário de funcionário público do meu avô. Dona Maroca não ficava de fora na composição da economia da casa e eram por meio de seus trabalhos de lavar, passar e costurar roupas que ela contribuía com a dinâmica econômica da casa. Nessa narrativa da vida de trabalho da minha avó, a roupa estava ganhando um sentido de sustento à família de mais uma mulher, suspeito que existe uma tendência na família, pois as minhas quatro tias têm habilidades com costura.

1.1 O CORPO FAVELADO SE AFIRMA PELA INDUMENTÁRIA

Em 1975, a minha tia Maria de Lurdes, primeira filha da minha avó, estava organizando o seu jantar de noivado - era o acontecimento da família -; a irmã mais velha do meu pai ia se casar. Naquele momento a expectativa de todos era o encontro de dois grupos familiares distintos e nada podia dar errado. Minha tia Djanira, carinhosamente chamada de neném, estava iniciando o seu curso de corte e costura e ela tomou a iniciativa de vestir todos os meninos, essa memória é presente em todas as conversas que presencio entre ela e meu pai. Para escrever esse texto precisei telefonar pra ela e perguntar detalhes da história, e ela lembra até hoje o critério de escolha da cor da calça de cada um: Meu tio Elias se tornou o mais velho dos homens, depois da morte do meu tio Milton aos 15 anos de idade, portanto, ele merecia um traje mais sério no tom fechado do azul marinho a fim de evidenciar essa responsabilidade de irmão mais velho; meu tio Paulo que até hoje mantém uma postura reservada e de poucas palavras ganhou a cor vinho, um tom mais fechado porém vibrante, meu tio Pedro que já tinha uma sofisticação desde pequeno ganhou a cor marrom que lhe trazia um aspecto mais elegante e o meu pai que, segundo palavras da minha tia Djanira, era o “bobo da corte” foi presenteado com a tão famosa calça amarela, que segundo ela era uma cor alegre que tinha super a ver com seu irmão mais prestativo. Meu tio Eliseu era um bebê de colo e ganhou um conjunto branco e meu tio Nilson ainda não havia nascido. Esse evento na família foi um marco na vida do meu pai, com 10 anos ele teve sua primeira “beca” para se apresentar na festa de noivado de sua irmã mais velha e mais uma vez percebo a indumentária como um ponto de afirmação de uma identidade coletiva e individual. Era imprescindível naquele contexto que os integrantes da família da noiva se apresentassem de maneira impecável para fortalecer a boa escolha do Lopes por uma mulher de família.

A minha mãe teve outra relação com a indumentária que foi muito diferente das mulheres da família do meu pai. A mais nova de seus irmãos, tem poucas referências de suas origens. Veio morar na Nova Holanda removida da antiga favela do esqueleto onde hoje está localizada os prédios cinzas da UERJ (Universidade

Estadual do Rio de Janeiro). Ela perdeu seu pai e sua mãe antes de completar 10 anos de idade e sempre soube criar suas formas de (re)existência e por isso, ela sempre me inspirou.

Quando eu nasci, minha mãe trabalhava em uma fábrica de bolsas da grife internacional Victor Hugo⁸, esse emprego fez ela sonhar com o ofício de costureira. Ela desenvolvia muito bem a sua função na parte de fechamento das caras bolsas da marca e, por isso, era solicitada para fazer horas extras, motivo pelo qual a impossibilitou de iniciar o curso de costura oferecido às funcionárias da empresa e, mais uma vez, ela precisou refazer seus rumos. Minha mãe teve uma trajetória de vida marcada pelas ausências e ela sempre projetou em mim o que não pôde ter, e isso se refletia na maneira que ela tinha de me vestir. Sempre de forma impecável, atentando a cada detalhe das minhas roupas. Lembro de ter uma coleção de tênis e muitas calças jeans de cintura alta e blazers que eram confeccionados pela minha madrinha Silvia. Eu era vestida com looks típicos da década de 1980, mesmo tendo nascido em 1990.

Na minha fase de pré-adolescência me sentia ultrapassada no meu estilo e por isso passei a travar profundos embates com a minha mãe para não ter que usar aquelas roupas que ela fazia questão, sempre sob a justificativa de exuberância, sofisticação e elegância. Minha mãe conta que sonhava em ser uma mulher importante e com alguma função de trabalho em que ela pudesse se vestir com elegância, entretanto sua vida foi marcada por muitas perdas e seus sonhos foram se reduzindo ao desejo de simplesmente sobreviver e superar as adversidades que suas vulnerabilidades sociais impuseram, suspeito que essa atitude de me vestir dentro do que ela entendia como adequado seja um dos vários esforços dela para que a minha trajetória seja de vida abundante, talvez, nesse sentido, no ato de me vestir, ela estava lidando mais uma vez com as ausências e subjetividades de sua vida. Para minha mãe, vestir a filha dela com a melhor roupa aos finais de semana e ficar sentada na porta olhando a rua, era constatação de que ela havia conseguido empreender uma família a qual ela nunca teve. Até hoje ela se orgulha de ter

⁸Presente no mercado desde a década de 70, VICTOR HUGO é símbolo de moda e estilo de vida. Considerada a mais importante grife de acessórios do segmento de luxo nacional, trabalha para se manter em sintonia com as últimas tendências de moda e com as mais recentes tecnologias de desenvolvimento de produtos, utilizando matérias-primas e materiais exclusivos para sua produção, 100% fabricados no Brasil, visando ultrapassar a expectativa de seus clientes.

mudado o modo de vestir do meu pai que segundo ela parecia um “jeca” com uma blusa cortada acima do umbigo e uma bermuda jeans abaixo do joelho em um corpo super magro. Ela ressalta a fase de “bem vestido” dele em seu período de servir ao quartel, pois o uso da farda cria uma demarcação de poder que fica explícita na indumentária militar. Para ela a construção de uma identidade e a conquista de um lugar de respeito se dava a partir da indumentária.

Aos poucos minha mãe foi entendendo que não me agradava usar aquelas roupas que ela gostava então passei a fazer compras na feira do Parque União. Poder escolher minhas próprias peças foi o auge da minha pré-adolescência, criei uma relação afetiva com a feira do Parque União, que é até hoje é um espaço de encontro, por isso, a feira transcende e extrapola a ideia de uma mera venda de roupas em estruturas de barracas tipo itaipava que acontece todas as sextas-feiras no entorno da principal praça da favela. É um lugar vivo e intenso que se caracteriza por produzir e apresentar diversas atrações artísticas, ser rodeada de quiosques, bares e restaurantes, ser um grande polo de representatividade para as culturas nordestinas, ou seja, ir à feira do Parque união e poder escolher minha própria roupa também significava estar inserida na dinâmica de produção cultural e de entretenimento local. Este espaço permanece sendo meu lugar favorito para aquisição de novas peças de roupa.

Ao romper com os gostos estilísticos da minha mãe eu comecei a acessar lugares além da feira supracitada, tive acesso às lojas de bairro que também tem grande influência nessa demarcação de estilo na favela, nesse sentido minha mãe tinha crediários em diferentes lojas de roupas da Maré e sua organização mensal dentro de um salário mínimo incluía a aquisição de uma peça de roupa para mim e outra pra ela.

E assim, a partir das pontuações sobre a minha história e de minha família, sigo propondo questionamentos que se estendem ao longo desse trabalho em torno dos seguintes pressupostos: a roupa é um elemento de demarcação social pela estética e particularmente na indumentária favelada existem muitas questões pertinentes e relevantes para se pensar sobre as leituras que recaem sobre esses corpos que as vestem, pois para além desse contrato social de pudor e moral a

roupa expressa uma trajetória de vida pautada nas subjetividades coletivas e individuais. A reflexão possível em torno desses corpos favelados gira em torno da fundamentação dos processos de racialização dos indivíduos, sobretudo por se tratar basicamente de corpos não hegemônicos, sendo majoritariamente negros (pretos e pardos), nordestinos (racializados) e indígenas. O racismo estrutural e estruturante consolida e legitima esses códigos de segregação e anulação das epistemologias faveladas ao que tange a moda. O racismo estabiliza todos esses mecanismos e funciona dentro de uma concepção estrutural que segundo o intelectual negro Silvio Luiz de Almeida, funciona da seguinte forma:

O conceito de racismo institucional foi um enorme avanço no que se refere ao estudo das relações raciais. Primeiro ao demonstrar que o racismo transcende o âmbito da ação individual, e, segundo, ao frisar a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais não somente o poder de um indivíduo de uma raça sobre outro, mas de um grupo sobre o outro algo possível quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional[...] Assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente [...] o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA, 2019: 46-47)

Entretanto, preciso dizer que a nossa produção subjetiva atende uma necessidade objetiva e subversiva a essa estrutura institucionalizada do racismo estrutural, e também de maneira orgânica criamos e articulamos mecanismos e agenciamentos. E, a revelia do sistema, identificamos nossas fraquezas subjetivas e solucionamos de forma representativa as nossas vulnerabilidades; e, de maneira criativa e inventiva as mulheres faveladas se reorganizam dentro das adversidades para se inserir nas normas sociais. A cientista social, intelectual negra, cria da Maré **Marielle Franco** nos indica essa relação estabelecida por mulheres faveladas dentro dessas relações da institucionalização do racismo:

(...) As mulheres, negras, das periferias, com ênfase nas favelas, são representações estratégicas para avanços democráticos e de convivência com as diferenças e superação das desigualdades, por conta do peso do machismo e do racismo e do crescimento da ideologia xenofóbica. As mulheres negras, moradoras das periferias e favelas, são ativas nos cenários políticos, culturais e artísticos da

cidade. Ainda que a luta/ativismo/militância por elas protagonizada seja inicialmente relacionada às questões locais e intimamente “linkada” às condições objetivas e subjetivas das suas vidas no território, conquistam dimensões fundamentais para avançar as condições locais, alcançando impacto em toda a cidade. (FRANCO, 2017: 92)

Portanto, é possível identificar um esforço das mulheres da minha família para estarem inseridas nesses moldes sociais no qual a afloração de suas práticas é atravessada por suas subjetividades, onde, por exemplo, para minha mãe o ato de vestir a sua família dentro de uma norma que ela identificava coerente era a possibilidade de enxergar uma realização de vida que sempre foi negada a ela, enquanto que, para minha tia Neném distribuir uma cor de calça pra cada irmão significava pensar a subjetividade das leituras que ela tinha dos seus irmãos e apresentá-los a família do noivo da sua irmã mais velha a fim de provar que o Lopes, seu pretendente, estava fazendo uma “boa escolha”. Assim, também como o exemplo sobre os trajes militares do meu pai na época do quartel, era um lugar seguro que forjava a construção subjetiva dele e a confirmação de estar inserido no grupo de “melhor partido” no contexto das pessoas da favela, e como ele mesmo diz: *“o respeito que ganhei nas ruas na época do quartel me fez perceber que havia chegado à hora de construir a minha família junto com a sua mãe. Sempre trabalhei, desde os meus 12 anos, mas foi nessa época que me vi provocado a avançar”* (Cícero Alves). Com essa afirmação é possível perceber a profundidade dos valores inculcados em um traje repleto de significados que corroboram com tais construções subjetivas. As roupas participam de muitas histórias da nossa vida, mas, em alguns lugares elas são fundamentais para dar sentidos e lugar de respeito.

CAPÍTULO 2

MODA: IDENTIDADE COLETIVA NAS ESTRUTURAS DE COMPORTAMENTO E ESTILO

Este capítulo tem como objetivo refletir sobre os aspectos das imagens escolhidas como ponto de partida desta pesquisa, abrindo-me ao afirmar que as escolhas e apostas metodológicas jamais serão suficientes para dar conta de esgotar o tema sobre essas imagens que constrói uma moda da favela. Aqui insisto em afirmar que faço um recorte e que as lacunas que surgem no caminho são brechas que agem como outros dispositivos para ainda mais reflexões das quais eu não tenho a pretensão de solucionar, mas sim continuar a provocar, considerando a fluidez e a inventividade dos territórios (corpo e espaço) analisados e que por si só, já traçam infinitas possibilidades de leituras.

Na construção da idéia de imagem que pretendo utilizar para representar o corpo favelado, me coloco como sujeita da minha própria pesquisa, pois sou parte ativa nessa troca sensível com o espaço individual e coletivo, e sigo emergindo de todos esses processos. Refletir sobre uma idéia de imagem e corpo na Maré é um caminho de muitas ambiguidades, e uma das metodologias adotadas nesta pesquisa é a observação de um cotidiano que parte dos meus olhares de moradora, com algumas influências da intelectualidade acadêmica, porém, se apropriando de maneira potente das minhas vivências e trocas com os territórios da pesquisa e, por isso, perpassando pela minha experiência de favelada.

A imagem de um corpo ativo, que contemple as relações faveladas não está relacionada com idéia universalizada que é forjada pela construção de um ideal de “belo” dentro campo filosófico restrito, mas sim, nas relações entre territórios, sejam elas dadas pelo corpo enquanto território, e suas zonas de contato; ou território enquanto espaço, e suas demandas alternativas e soluções na integração e construção de um corpo coletivo, e suas expressões para o restante da cidade. Em sua dissertação de mestrado Andreza Jorge, evidencia sua percepção de corpo, embasado na ideia de corpo forjado pela intelectual negra Beatriz Nascimento, e

assim Jorge (2019) traça uma relação de corpo e suas possíveis fronteiras e nos diz:

Beatriz do Nascimento faz a associação do entendimento de corpo como mapa de um país em busca de outras fronteiras, um quilombo mítico que o faça conteúdo da sombra das palavras. Nesses escritos poéticos da intelectual negra brasileira, é possível traçar uma relação direta e conectada com as criações de existências possíveis de significação do corpo em um espaço re-inventado, em busca de outras fronteiras, um corpo que precisa recuperar e recriar tempos e espaços para significar em um lugar de eterno forasteiro, eterno “amputado”, um corpo que é feito na sombra da palavra ou seja, no silêncio da voz e na comunicação através do gesto e do movimento na síncopa ou seja, na lacuna.(JORGE.2019 p 81)

Portanto, a dinâmica do espaço físico e coletivo cria modos de comportamento compreendido pelo coletivo e o “belo” ganha outra relação na medida em que essas zonas de contatos se interagem integrando um coletivo com significações e (re)existências que subvertem a ordem das narrativas hegemônicas.

2.1 IDENTIDADE COMO SIGNIFICAÇÃO

Ao refletir sobre as possibilidades identitárias como significado de existência dentro de um determinado contexto cultural e social rememoro, a fim de ilustrar meu ponto de vista, uma experiência pessoal para elaborar uma reflexão a respeito da dinâmica que as vestimentas assumem em uma das inúmeras perspectivas possíveis da favela.

Era um domingo ensolarado por volta de umas 6h da manhã, eu estava a caminho de uma trilha na Gávea, zona nobre da cidade do Rio de Janeiro. Avistei muitas pessoas saindo do Baile da Nova Holanda. Dentro de uma grande possibilidade de estímulos de informações, como cenas, narrativas, contextos e dinâmicas; um grupo de três meninas que estavam inseridas nesse contexto me chamou atenção. A partir desse relato como dispositivo de análise, discorro sobre alguns aspectos dessa cena: eram três mulheres negras. Uma, parecia mais velha e andava mais a frente, ela estava com um vestido preto bem justo evidenciando suas volumosas curvas, - esse vestido deixava suas pernas livres, ele era bem curto e possuía um decote em formato de “v” profundo na altura dos seios -, com seu salto alto ela desfilava sua beleza mesmo aparentando certo cansaço da noite; as duas

que estavam alinhadas um passo atrás da primeira, usavam um short jeans curto e cropped⁹ bem decotado. Uma era muito magrinha e vestia uma espécie de blusão feito em tecido sintético e calçava uma sandália rasteira; a terceira, com seu short jeans e cropped branco usava um tênis também branco. Rapidamente constatee que mesmo juntas, os critérios de construção daqueles três looks partiram de uma perspectiva muito individual e que a sensualidade ao evidenciar e realçar partes do corpo fazia parte de um código de se vestir, que contempla aspectos do perfil cultural de pessoas que curtem o baile funk. Entretanto, essa dinâmica de se vestir dentro dessas normas estéticas estabelecidas por grupos que não necessariamente atendem a uma demanda da moda hegemônica, é estigmatizado. Com essa descrição, se fossemos a uma consultora de moda como Isabela Fiorentino, possivelmente ela nos diria que as meninas estavam mal vestidas e vulgares, pois ela parte de uma perspectiva universal de categorização e engessamentos da moda hegemônica, e seu posicionamento quanto a isso fica evidente em sua atuação como apresentadora do programa sobre moda e estilo que circula nas grandes mídias através do canal televisivo SBT chamado “*Esquadrão da Moda*”¹⁰ No programa, Isabela quando está ao lado de seu colega de profissão e co-apresentador Arlindo Grund, faz inúmeras piadas com as roupas e forma de se vestir das participantes.

O roteiro do programa se desdobra da seguinte forma: as participantes são “denunciadas” por alguma pessoa mais próxima a ela e, portanto, são feitas imagens do cotidiano dessa mulher que se veste “mal”, com roupas arrochadas, curtas, decotadas, muito parecidas com as roupas das três meninas que descrevi anteriormente, e por isso essa participante precisa passar por uma situação, sobre meu ponto de vista, de caráter vexatório, aos quais suas roupas são jogadas em uma lata de lixo. Após esse processo elas recebem dicas de moda dos apresentadores e ganha um cartão de crédito no valor de dez mil reais para fazer

⁹É uma peça de vestuário superior feminino que tem como característica ser curto deixando parte da barriga de fora, podendo ser combinado com outras peças como saias, calças e short.

¹⁰ ***Esquadrão da Moda*** é um programa de televisão brasileiro transmitido pelo SBT baseado no formato original *WhatNottoWear*, dos canais Discovery Home & Health e BBC, cujo objetivo é repaginar o visual de seus participantes. Estreou em 3 de Março de 2009 e se encontra atualmente em sua 10ª temporada, exibida aos sábados.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquadr%C3%A3o_da_Moda Acessado em 05/11/2019 às 14:37

compras de roupas no estilo “imposto” (em forma de consultoria salvatória) pela Isabela Fiorentino e seu parceiro de cena, com a finalidade de dar uma repaginada em seu visual e com o discurso massacrante dos dois consultores sobre a necessidade de adequação para ser aceita na sociedade, participar e se afastar de lugares categorizados a partir de prescrições da maneira única de identidade ocidental vigente em nossa sociedade.

O formato do programa segue uma ideia de entretenimento a partir da estigmatização e ridicularização de corpos racializados, das práticas culturais e de vestimentas das participantes. Assim, segue em um formato de entretenimento dentro da perspectiva do humor para dar ênfase ao “mau gosto” das participantes e de formas sutis forja aspectos da moda hegemônica que é racista e classista na manutenção de seus poderes de tutelar a idéia de adequação, estilo e beleza.

Em seu livro “racismo recreativo” da coleção *Feminismos Plurais*, o doutor em direito e intelectual negro Adilson Moreira; traz uma contribuição fundamental que nos ajudará a fazer um paralelo de uma das inúmeras relações estruturantes no vies racista e classista que, operam em todos os segmentos sociais nesse modelo ocidental que estamos inseridas. E, a moda não foge a essa estrutura. Moreira nos diz que:

Muitas teorias psicológicas demonstram que o humor não é uma mera reação reflexa, mas sim produto do contexto cultural no qual as pessoas vivem. Isso significa que ele adquire sentido a partir de valores presentes no espaço público. Ele se manifesta a hostilidade por pessoas que possuem status social inferior.(MOREIRA, 2019: 29-30)

Portanto, me amparando nesse conceito elaborado por Moreira (2019), estigmatizar, diminuir as maneiras de expressão por meio do humor e entretenimento é criar uma percepção social pautada em estereótipos de corpos que estão à margem desse consumo elitista de moda. E Moreira nos aponta também como esses aspectos podem está dentro de uma prática racista quando ele diz em sua obra que:

O racismo não pode ser identificado exclusivamente com concepções tradicionais de discriminação fundamentadas na pressuposição de que a exclusão decorre apenas de atos intencionais e arbitrários.O fenômeno social sob análise demonstra

que ele possui uma natureza dinâmica e múltipla. (MOREIRA, 2019: 31-32)

As participantes do programa em questão, em sua grande maioria mulheres racializadas, se vestem de maneira diferente ao que é estabelecido como adequado pelos moldes hegemônicos porque são interpeladas por um conjunto que perpassa por acessos a determinadas lojas voltadas para um público de baixo poder aquisitivo e por referências de estilo de outra lógica de cosmovisão¹¹ onde a construção do gosto se dá a partir de suas relações de trocas com esses meios coletivos aos quais elas fazem parte. Portanto para o contexto hegemônico de moda, essas relações contrárias a um padrão são marginalizadas, e estão passivas a piadas, estigmas e diminuições sobre seus critérios de escolhas, mas que para os grupos que a têm como principal referência de estilo trata-se de uma tecnologia galgada nesse conjunto que seguem outros valores, sendo assim, perfeitamente coerente se portar socialmente dentro dessa narrativa estética.

Outro exemplo dentro do universo de análises de estilo de vida e moda é a partir da fala de Constanza Pascolato, uma empresária e consultora influente no universo da moda: “respeite sua essência, seja você mesma, é o jeito mais Inteligente de construir seu estilo, sua maneira de viver e de se vestir. E você vai ver: estilo é fundamental para a autoestima” (PASCOALATO, 2013). A ideia exposta no pensamento da empresária é passiva de várias interpretações, e à primeira vista parece libertador sobre a possibilidade de ser aceito a partir de qualquer escolha que se faça de forma individual, mas quando Pascolato (2013) fala de essência, considerando toda sua trajetória no mundo da moda, ela não está falando de uma perspectiva diferenciada do programa citado acima, esse fundamento “essência” também é calcado nas estruturas racistas e de classe. De que essência ela está falando? O que é um jeito mais inteligente? Estilo é fundamental para autoestima de quem? Pascolato fala para um grupo específico e a falsa ideia que o estilo é algo democrático faz parte de um objetivo hegemônico que estabiliza a moda dentro de uma perspectiva que corrobora uma (falsa) ideia de liberdade, mas que só serve

¹¹Comovisão – substantivo feminino. Trata-se da maneira subjetiva de ver e entender o mundo, especialmente as relações humanas e os papéis dos indivíduos e o seu próprio na sociedade, assim como as respostas a questões filosóficas básicas, como a finalidade da existência humana, a existência de vida após a morte. Visão de mundo.
Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cosmovis%C3%A3o> Acessado em 05/11/2019 às 14:47

para corpos que seguem padrões de beleza que fortalecem os aspectos racistas, gordofóbicos e transfóbicos. Pensar essa essência ao qual pascolato se refere está intrinsicamente ligado a um distanciamento de subjetividades múltiplas e interseccionais - conceito definido por Akotirene (2019) na introdução dessa pesquisa-. Nesse sentido a intenção desse trabalho é falar de homens e, principalmente, de mulheres periféricas que tem suas subjetividades inviabilizadas e suas expressões de si são invisibilizadas pelos modos operantes da supremacia branca. Lélia Gonzales (1984) dicorre a cerca das mulheres que interessam a essa pesquisa:

Mas é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha (GONZÁLES, 1984, p 231).

Nesse sentido ressalto a importância de evidenciar as expressões de corpo e subjetividades de mulheres periféricas e racializadas. Essas mesmas que vivem sob diferentes critérios de opressões quanto a sua: imagem, suas fraquezas subjetivas, sua essência e suas expressões de arte; no qual o sistema estrutural do racismo cria um cenário onde essa mulher habita em um lugar esvaziado de sentidos, onde sua essência é desconsiderada e esses critérios de opressão fazem parte das diretrizes heterogêneas do Ocidente. Entretanto, peço permissão para usar as palavras geniais de Lélia Gonzáles, em seu texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (1984), ao reivindicar esse lugar de fala e afirmação sem pedir permissão, “**(...) o lixo vai falar, e numa boa**” (GONZÁLES, 1984. p. 225).

Nas relações estabelecidas entre corpo e espaço temos uma elaboração de uma identidade que se revê em vários espectros ou até mesmo na junção de todos eles. Definir os espaços de favela como algo unificado, é esvaziar todos os sentidos diversificados que a relação entre territórios (corpo e espaço) produzem, pois, a ótica eurocêntrica que forja os modos operantes da categorização do pensamento e o universalismo unilateral constrói uma narrativa epistemicida desses corpos territorializados. Entretanto, a atuação nessa zona de contato entre os dois territórios geram uma noção de pertencimento, mas as marginalizações dessas identidades tencionam um afastamento para garantir respeito fora do território

espaço, onde há uma tentativa de se afastar desses significados estigmatizados que a favela carrega.

O corpo enquanto território cria uma nova imagem – afastada dos estigmas favelados- que mesmo com esforço ainda é lido como corpo favelado. Uma vez estava em uma aula sobre os impactos das religiões neopentecostais nas favelas. Entre muitas coisas que estavam sendo ditas, o relato de um homem negro retinto, jovem e favelado me chamou atenção. Ele contou que depois de ter se convertido ao cristianismo deixou de ser abordado pela polícia de forma violenta. Aquele homem negro e agora protestante passou a usar terno e gravata e portar uma bíblia nas mãos. Com essas marcas da branquidade ele deixa de carregar elementos que estão ligados a uma leitura da estrutura racista que compõe os padrões de revista da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. E essa nova relação aderida com o vestuário muda esse sujeito de posição na dinâmica sobre os olhares marginalizados aos grupos sociais existentes na favela, logo, ele passa pertencer a um grupo que está inserido em outra leitura dentro dessa estrutura racista, mas que está menos vulnerável a práticas de violências policiais. Portanto, a conclusão dessa parte do pensamento é que existe uma estrutura estabelecida que se intersecciona nos aspectos raciais e classistas produzindo leituras esvaziadas desses corpos favelados. Entretanto, existe o entendimento e percepção dessas leituras pelas pessoas dos grupos sociais da favela na medida em que, é possível notar uma criação de novas maneiras de representações que dê conta de subverter essa ordem, sejam elas por agenciamentos de proteção ou pela construção consciente de uma forma de representação que resulta em uma identidade potente.

Para Castells os “atores sociais” são constituídos a partir da cultura os quais eles fazem parte e estabelecem trocas:

No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda em um conjunto de atributos culturais, interrelacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significados[...] (Castells, 2002: 22-23)

Pensar a respeito da identidade-entendida como autorrepresentação- é fundamental para refletir sobre a vida moderna [...] como ela interfere na vida das pessoas que moram nas favelas da cidade do Rio de Janeiro[...] (DINIZ, CASTRO, RIBEIRO, 2013: 28)

A moda que ganha status de universalidade nas grandes semanas de desfiles em cenários como: Nova Iorque, Paris e Milão são responsáveis de anunciar novas tendências sacramentadas por grandes marcas dessa indústria, que movimenta milhões de dólares e que são destinadas única e exclusivamente para manutenção da engrenagem capitalista que serve a um seleto grupo social. Seguindo um rigor excludente e inacessível, corrobora um padrão de beleza inalcançável atuando em torno de diretrizes fundamentadas na perspectiva de estilo, e assim, delega comportamentos sociais. No filme *O Diabo Veste Prada* (*The Devil Wears Prada*, David Frankel: Fox film do Brasil, 2006) a personagem Miranda Priestly, interpretada pela atriz americana Meryl Streep, é a editora chefe de uma revista de moda super conceituada no cenário da moda mundial, fazendo uma alusão a famosa revista de moda mundial VOGUE que no Brasil pertence editora globo. Há uma cena no filme em que ela discorre sobre um dos principais mecanismos de articulação dessa grande indústria, que é a moda na função de rotulação de indivíduos dentro da trama social. A personagem principal Andrea Sachs interpretada pela atriz, também americana, Anne Hathaway questiona a diferença entre dois acessórios que em sua leitura parecem iguais e aí a personagem de Meryl Streep a responde:

Essa, coisa? Ah, certo. Entendo! Você acha que nada aqui tem a ver com você. Você vai até seu armário e escolhe esse, digamos, suéter horrível, por exemplo, porque está tentando dizer ao mundo que se leva muito a sério para se importar com o que vai vestir. Mas, o que você não sabe é que a cor desse suéter não é um simples azul, não é turquesa, não é lápis lazule. Ele é azul-celeste. E você ignora o fato de que em 2002 Oscar de La Renta fez uma coleção de vestidos azul celeste e acho que Yves Saint Laurent que fez jaquetas militares azul celeste. E, então azul celeste apareceu na coleção de oitenta outros estilistas, e então, passou para as lojas de departamentos, e depois daí foi parar em lojas populares onde você sem dúvidas comprou esse numa liquidação. No entanto, este azul representa milhões de dólares em incontáveis trabalhos e é meio cômico como você pensa que fez uma escolha que a exime da indústria da moda, quando na verdade está usando um suéter escolhido para você pelas pessoas dessa sala de um monte de coisa (PRADA, *O Diabo veste*. David Frankel: Estados Unidos, Fox Filme do Brasil. 2006. 110 min)

Mesmo se tratando de uma ficção, esse diálogo indica algumas estruturas dessa relação estabelecida pelo entendimento dessa moda hegemônica. De fato, querendo ou não, vivemos sob as rédeas de uma estrutura ocidental que articula maneiras de vida e pensamento. A roupa é um elemento fundamental na construção social humana e por isso ela também está na cena das disputas de poder e de domínios, entre outras coisas, as formas de se vestir estabelecem códigos que são interpretados facilmente por qualquer pessoa que interage nesse contexto social ocidental. O simples ato de se vestir dentro das inventividades do ocidente, já é estar inserido nesses padrões, onde existe uma marcada segregação social pautada na perspectiva de raça e, sobretudo, de classe para manter os poderes hegemônicos a vista dessa estampa social.

A moda na favela, no entanto, faz um caminho diferente e subversivo a essa grande estrutura da moda. Embora esteja tudo interligado, suspeito que a criação dessa estrutura “diferente” se deve ao aspecto de inacessibilidade desse padrão de comportamento ou já acessar o mesmo padrão de forma transformada entre várias outras possibilidades, que não é o meu foco neste momento. Mas, o fato é, o estigma que se tem a partir das leituras de identidades que a indumentária do corpo favelado carrega deve-se a subversão dessa ordem, e por isso a significação pode criar uma moda favelada que se adequa de forma identitária aos mais diversos grupos sociais da favela, tal como Hall nos convoca a pensar ao falar sobre o sujeito moderno que abandona as velhas e universais identidades unificadas:

Velhas identidades, por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno até aqui visto como sujeito unificado”. (HALL, ANO: 2015, 9-10)

E então as interpelações do mundo cultural que atravessa o sujeito estão intrínsecas a sua expressão dentro de um contexto de troca entre o individual e sua representação ao coletivo. O que quero dizer com isso é: a roupa assume um papel social de representação que parte de um desejo individual do “eu interior” e o “eu exterior” que constrói uma relação com o coletivo influenciado pelos espaços culturais do grupo ao qual esse “eu” ou esses “eus” são pertencentes. Sendo assim, a identidade é forjada por um conjunto de significados e segue em uma fluidez

autônoma aos participantes desse coletivo. Seguindo no pensamento dessa dinâmica me amparo na reflexão que Hall provoca a partir dos caminhos que a identidade percorre para se estabelecer: *“a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2015:11 e 12)”*.

2.2 A MARÉ E A MODA

Ao longo desse trabalho tratamos de uma Maré bem diversa com inúmeras possibilidades de (re) existências e significados particulares e coletivos. Como podemos perceber ao longo da história de construção desse território temos um corpo político articulado que cria significados potentes, desde suas conquistas no âmbito publico coletivo até as representações imagéticas desse corpo favelado para o restante da cidade. Neste subcapítulo, portanto, proponho uma reflexão a respeito das construções imagéticas que ultrapassam os aspectos genéricos da moda, desejo enfatizar possíveis demarcações sociais a partir do comportamento. Ao longo dessa pesquisa há uma tentativa de alocar as leitoras (res) em um processo de validação de uma moda subversiva que atende a múltiplas relações, sobretudo ao que diz respeito ao comportamento que esse fenômeno *moda* corrobora. Voltando a falar da minha mãe, gostaria de dividir uma história a fim de exemplificar as inúmeras relações que podem ser estabelecidas a partir de um objeto, simplesmente por carregar códigos que articula leituras de possíveis lugares sociais e econômicos. Minha mãe, como disse no início desse trabalho, era funcionária da grife de bolsas Victor Hugo, esse cargo na empresa lhe dava alguns benefícios como conseguir produtos da marca com desconto e, nesse contexto, minha mãe adquiriu uma bolsa da grife. Os acessórios dessa empresa são direcionados a um perfil de mulheres que ocupam lugares de uma elite econômica. A própria empresa faz uma descrição em sua coleção 2019 a respeito do perfil de clientes que se deseja alcançar, quando afirma que:

Victor Hugo é uma fábrica de desejos e traz a sua visão de luxo com inspirações globais numa coleção dedicada ao seu público, mulheres com espírito globe-trotter¹² que ditam e acompanham as tendências mais sofisticadas (FONTE: <http://victorhugo.com.br/colecao/> 10:26 22/11).



Figura 3 – COLEÇÃO 2020. Fonte: <http://victorhugo.com.br/colecao/> 10:26 22/11

Certamente não estamos falando de uma mulher do perfil periférico brasileiro, nem tampouco de mulheres favelada as quais tenho foco principal de pensar nesta pesquisa, entretanto, não estou abordando um lugar social que não há poder de compra; a favela possui um público consumidor bem expressivo de artigos de luxo,

¹²Fundada em 1897 por David Nelken, na Saxônia, Alemanha, a empresa mudou-se para o Reino Unido em 1932, onde permanece desde então. Hoje, todas as malas e acessórios de viagem Globe-Trotter são artesanais em Hertfordshire, Inglaterra, por artesãos altamente qualificados, usando métodos de fabricação e máquinas originais que datam da era vitoriana. Por 120 anos, a filosofia da marca permaneceu inalterada: uma integridade intransigente do artesanato. Agora, um clássico dos dias de hoje, as malas Globe-Trotter combinam uma funcionalidade excepcionalmente forte, porém leve, com uma estética icônica. Como um caso viaja pelo mundo, desenvolve um caráter único, melhorando continuamente com a idade. As coleções de couro aderem aos mesmos valores fundamentais que definem o espírito de luxo da marca, com base em um rico arquivo histórico e na mesma abordagem artesanal da produção. Os produtos Globe-Trotter foram usados por uma lista de clientes distintos ao longo dos anos, incluindo alguns dos indivíduos mais influentes do mundo. Sua durabilidade combinada com sua construção leve fez da Globe-Trotter a escolha de inúmeros exploradores, incluindo o capitão Robert Falcon Scott e Sir Edmund Hilary. Sir Winston Churchill usou um estojo de expedição Globe-Trotter enquanto era chanceler do Tesouro em 1924. A rainha Elizabeth II escolheu a Globe-Trotter para sua bagagem de lua de mel em 1947 e continua a usar seus estojos até hoje. Fonte: <https://www.globe-trotter.com/> Acessado em 23/11/2019. Às 10:23

entretanto, esse poder de consumo está atrelado a uma aceitação em massa do produto oferecido, ou seja, o que o corpo coletivo entende como moda, e só assim o objeto passa a ser digno de entrar na lista de desejos que talvez valia um sacrifício em alguma linha de crédito. Em outro contexto, talvez minha mãe comprasse esse produto em algumas parcelas no cartão de crédito.

No início dos anos 1990, mamãe adquiriu uma linda bolsa marrom da Victor Hugo, a qual fazia questão de sinalizar que havia participado do processo de confecção da mesma e, que agora era sua. Em meio suas irmãs e amigas ela era a única que tinha esse "luxo", o que o tornou o mais cobiçado acessório das mulheres mais chegadas. Por isso o uso da bolsa passou a ser um ponto em comum de quatro mulheres, amigas da minha mãe. O acessório de couro legítimo circulava em vários lugares sendo carregada por diferentes corpos e suas subjetividades, suspeito que cada usuária da bolsa tinha suas pretensões individuais, mas que a função de sustentar uma imagem de possibilidade e afirmação de uma mulher favelada, partindo de uma esfera social demarcado pelo poder de consumo incutido na bolsa, era um dos objetivos das mulheres inseridas nesse grupo de uso coletivodessa acessório. Sendo assim, o uso compartilhado daquele "luxo," ganha outros sentidos no corpo favelado. Pois, é para além do seu uso funcional de carregar pertences pessoais, ele também ajusta uma percepção de si enquanto pertencente a um grupo econômico acima do seu original. Acredito que na favela essa relação não está diretamente ligada a uma ostentação; e o poder de compra está associado a uma relação de conquista, mesmo que a bolsa aponte certo poder de aquisição, esse poder era compartilhado entre as integrantes desse grupo social.

O uso coletivo da bolsa gerava uma afirmação individual das mulheres dessa rede para fora dela; o acessório para cada uma delas era uma projeção de lugares sociais que se desejava alcançar, e a imagem estabelecida a partir dessa ação para o restante da cidade implica diretamente nas narrativas internas, onde as roupas garantem perspectivas de comunicação corporal que forja uma ideia projetada de si. A arte de ser, e se construir a partir das imagens, que o corpo cria suas linguagens. E para pensarmos sobre essa relação de ideia projetada de si – porque elabora uns arranjos que, combinados entre si constrói uma imagem que não atende necessariamente a uma realidade, mas que está na fluidez subjetiva de quem a

projeta-Andre Carvalhal que foi muito feliz no título de seu livro “Moda Imita a vida” em um dos trechos de sua obra nos ajudará a refletir sobre essa projeção, quando nos diz:

Até que vem a roupa, para organizar os modos de vida em sociedade, com códigos e cores diferentes para meninos e meninas, roupas diferentes para pessoas diferentes, roupas diferentes para ocasiões diferentes – na forma da “roupa de ficar em casa”, “roupa de ir ao médico”, “roupa de festa”, “roupa de brincar” (nossa primeira fantasia de felicidade) (CARVALHAL, 2014: 16)

Na tentativa de pertencer a lugares privilegiados, grupos periféricos e favelados forjam outra maneira de produção de consumo a partir das réplicas de produtos de grandes marcas como: Louis Vitton, Prada, Gucci, Nike, Adidas, Lacoste, Reserva, Channel...Entre muitas outras marcas, que tem seu alto valor de mercado e assim as réplicas que são vendidas em feiras de locais periféricos e favelas ganham ainda mais relevância por atender esses anseios de consumo e equiparação social.

Em conversa com os meus dois irmãos Kevin e Yuri a respeito dos critérios utilizados por eles ao escolher o look que vão usar, eles me contaram sobre as suas redes de trocas de roupas. Essa rede ela é comum entre grupos de amigos a fim de diversificar as opções de indumentárias, para estarem sempre alinhados- entre participantes desse grupo afetivo - de acordo com as tendências da moda na hora de saírem juntos. O relato que ouvi dos meus irmãos, me indicou que existe uma “disputa” a partir da ostentação dos luxos de uma marca de alto valor monetário, porém, essas “disputas” se estabelecem entre grupos distintos, já que eles se utilizam das trocas entre si, para criarem diversidades na composição de seus “looks” e assim se apresentarem em determinados locais.

Meu irmão Kevin me contou que um amigo uma vez o pediu emprestado seu tênis nike Air Max 90 para uma festa de 15 anos; esse amigo até tinha um Nike Air Max 90 réplica, e ao calçar o original do meu irmão ele sentiu uma diferença considerável e sinalizou vários detalhes positivos que a olhos leigos são imperceptíveis, entretanto o seu tênis réplica não estava altura de uma festa de 15 anos por não apresentar a “originalidade” da marca.



Figura 4-

Fonte: <https://manualdohomemmoderno.com.br/tenis/18-tenis-da-nike-air-max-90-que-voce-precisa-ter> -
Acessado em 23/11/2019 às 9:13

Indaguei ao meu irmão que diferença isso faria já que ninguém ou quase ninguém notaria a diferença da réplica do Air Max 90, ele respondeu:

A Galera da nossa geração se afirma na possibilidade de comprar o que se quer. Ter tênis nike Air Max 90 original é uma conquista pra mim. É compensar meu esforço de trabalho e pra esse meu amigo era poder se sentir bem naquele momento (mesmo o calçado não pertencendo a ele) pois um tênis original em meio as réplicas se destaca e chama atenção pra essa conquista. (Kevin Lucas)

Ainda sobre esse aspecto de conquistas que meu irmão caçula descreve, podemos considerar que essa relação entre povos negros e racializados pertencentes a classe trabalhadora é uma herança ancestral e cultural dos nossos mais velhos. E para essa afirmação a filósofa norte-americana Angela Davis (1983) nos indica um caminho feito por povos negros e racializados no período escravocrata em relação a essa dinâmica de 'trabalho e conquistas', quando ela nos diz:

"o trabalho que os escravos desempenham por si mesmos e não para enaltecer o seu dono foi realizado em termos da igualdade. Dentro dos limites da sua família e da vida comunitária, o povo negro conseguiu cumprir um magnífico feito. Eles transformaram essa igualdade negativa emanada da opressão paritária que sofriam como escravos numa igualdade positiva: o igualitarismo caracterizava as suas relações sociais" (DAVIS, 1983, p. 20).

A partir da experiência narrada pelo meu irmão, as pessoas de seu grupo social conseguem diferenciar um tênis original de suas réplicas, mas não conseguem diferenciar de quem foi essa tal “conquista”, portanto, mais uma vez é perceptível como a indumentária atrelada ao um comportamento cria projeções de si para um meio cada vez mais diverso e como essa prática articula uma coletividade que caracteriza as relações sociais entre faveladas e favelados. Andre Carvalho em seu livro “A moda imita a vida” traça uma relação de construção de sujeito e suas projeções no mundo:

Bem antes da linguagem as imagens já faziam parte do nosso universo, e o visual era o que comandava nossa relação com o mundo – bem cedo, quando ainda estávamos no berço e as pessoas vinham nos ver.

Daí, da primeira troca visual com o outro, começamos a estabelecer, por exemplo, os conceitos de igual, diferente, e a formar a imagem que temos de nós e dos outros. Não é à toa que a relação com a aparência permeia toda nossa vida. Foi por meio dela que aprendemos a nos relacionar com o mundo (Carvalho, 2014: 16)

Portanto, as análises elaboradas nessa pesquisa constroem uma narrativa de moda na Maré porque além de terem sido observadas dentro do território, todas as experiências partem de pessoas que compõem esse lugar, ou seja, todas as ações desses sujeitos ativos no território estão intrínsecas ao espaço e as relações sociais asquais elas acontecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os espaços de favela são pejorativamente reconhecidos e destacados pela precarização e carência. A maioria das políticas públicas voltadas para os territórios atendem a uma ideia assistencialista e pouco propositiva nas relações de trocas com o lugar; e dentro de uma expectativa salvatória quando por exemplo, se entende uma potência oriunda desses lugares, cria-se uma imagem meritocrática a fim de forjar uma relação de igualdade dos grupos sociais e suas buscas por ascensão, mas segundo o intelectual negro de origem popular Jailson Souza e Silva, o território se reconhece dentro desse poder inventivo e transformador da sua própria realidade e opera a favor de suas demandas e direitos, sendo assim SILVA (2012) diz:

Como contrapartida às simplórias classificações de territórios “desprovidos”, “desfavorecidos”, “desprivilegiados”, “pauperizados”, “marginalizados”, “excluídos” ou “carentes”, opõe-se ao paradigma da ausência, “o poder inventivo” das Periferias – traduzido por Potência, ou pela capacidade de gerar respostas práticas e legítimas, as quais se configuram como formas contra hegemônicas de vida em sociedade. Trata-se do reconhecimento do poder inventivo dos grupos marcados pela desigualdade social e estigmatizados pela violência (...) Em outras palavras, os territórios populares e seus sujeitos devem ser valorizados pelas inventividades que contribuem para a vida urbana plena, não sendo depreciados como expressões da ausência e da privação, entre outras representações negativas, as quais operam como forças simbólicas na esfera pública para desvalorizar existências, reputações e demandas de direitos para esses territórios. (SILVA, 2012. s/p.)

O Espaço favelado é diversificado de sentidos, significados e potências. Nossos sonhos, nossas lutas são mais altos do que as normas racistas que fomenta esse mundo, e estão intrínsecas as nossas expressões de arte e (re) existência como é ressaltado na música do Emicida:

*Eu sonho mais alto que drones Combustível do meu tipo? A fome*¹³

*Pra arregaçar como um ciclone (entendeu?)
Pra que amanhã não seja só um ontem Com um novo nome
O abutre ronda, ansioso pela queda (sem sorte)
Findo mágoa, mano, sou mais que essa merda (bem mais)
Corpo, mente, alma, um, tipo Ayurveda
Estilo água, eu corro no meio das pedra
Na trama, tudo os drama turvo, eu sou um dramaturgo
Conclama a se afastar da lama, enquanto inflama o mundo
Sem melodrama, busco grana, isso é hosana em curso
Capulanas, catanas, buscar nirvana é o recurso
É um mundo cão pra nóiz, perder não é opção, certo?
De onde o vento faz a curva, brota o papo reto
Num deixo quieto, num tem como deixar quieto
A meta é deixar sem chão, quem riu de nóiz sem teto*

(Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e PabloVittar)

A favela é composta fundamentalmente por pessoas negras e racializadas. Em especial nas favelas da Maré, segundo o censo 2013, realizado pela Redes da Maré, são 62,1% de pessoas declaradas como pretas e pardas, ou seja, estamos falando exatamente de 86.326 pessoas pretas retintas e/ou fruto das políticas eugenistas¹⁴ responsáveis pelo processo racista de embraquecimento do país. Na

¹³Música: Voz: Emicida, Majur (Artista gentilmente cedida por UNS Produções) e PabloVittar (Artista gentilmente cedida por Mataderos LTDA) Letra: Emicida Música: Felipe Vassão e DjDuhSample: "Sujeito de Sorte" de Belchior (Fonograma gentilmente cedido por Universal Music International e autoral gentilmente cedido por Fortaleza Editora Musical/Corisco) Gravadora: Laboratório Fantasma Direção Geral: Evandro Fióti Produção executiva: Raissa Fumagalli Assistente de produção executiva: LohanaSchalken Preparação vocal Emicida: Thiago Jamelão Mixagem: Maurício CersosimoMasterização: Maurício Gargel Voz de Emicida gravada por Tofu Valsechi em Lab Estúdio e voz de PabloVittar e Majur gravada por Igor Ferreira em Estúdio Veloso. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU> Acessado em 09/12/2019 às 14:05.

¹⁴O projeto da eugenia foi apresentado ao mundo pela Grã-Bretanha e colocado em prática pela primeira vez nos Estados Unidos. *Movimento de eugenia no Brasil O Brasil não só 'exportou' a ideia como criou um movimento interno de eugenia. Médicos, engenheiros, jornalistas e muitos nomes considerados a elite intelectual da época no Brasil viram na eugenia a 'solução' para o desenvolvimento do país. Eles buscavam, portanto, respaldo na biogenética (ou seja, nos estudos e resultados de pesquisa de Galton) para excluir negros, imigrantes asiáticos e deficientes de todos os*

perspectiva da racialização- que atende as pessoas não brancas - temos 0,6% que representam 845 pessoas que fazem parte de etnias distintas dos povos originários (indígenas) 0.5%, 761 pessoas asiáticas (majoritariamente chineses) e 35.884 pessoas que nasceram nos estados da região nordeste do Brasil. Impossível conseguir delimitar um único aspecto cultural em um espaço tão diversificado e rico em narrativas contra-hegemônicas.

Portanto, o presente trabalho se delimitou metodologicamente a partir de uma vivência pessoal que buscou perceber os significados dinâmicos que o território efervesce; ao demarcar posicionamentos antirracistas e ressaltando as potências dos corpos pretos e racializados que constroem o cotidiano inventivo da Maré. O objetivo principal dessa pesquisa é iniciar uma reflexão sobre o quanto a indumentária se faz importante nos agenciamentos de proteção de um corpo socialmente marginalizado e que vive na mira de um Estado genocida e necropolítico* e assim, evidenciar e destacar às potências das produções faveladas para acirrar a disputa da representação potente e fluída presentes no território. Nesse sentido a teorização se torna fundamental para esse processo de legitimação dessas representações contra-hegemônicas. Sobre teorização, hooks(2017) escreve que ela pode assumir um lugar de libertação e cura - cura de um sistema necropolítico que mata o corpo racializado todos os dias – e com efeito na autorrecuperação a despeito das arbitrariedades projetadas nos corpos favelados e racializados; que tem seu cotidiano interpelado pela necessidade de se manter vivo. Para pensarmos essa teorização de nós mesmos e de tudo que está ao nosso redor como uma prática de liberdade, hooks(2017) nos provoca a refletir sobre esse processo de teorização, nos dizendo:

Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é um elo entre as duas – um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra. (hooks, 2019: 85-86)

tipos. Assim, apenas os brancos de descendência europeia povoariam o que eles entendiam como 'nação do futuro' fonte: <https://www.geledes.org.br/o-que-foi-o-movimento-de-eugenia-no-brasil-tao-absurdo-que-e-dificil-acreditar/> retirado no dia 28/11/19 às 16:07

Em paralelo a essa teorização capaz de forjar a liberdade de pessoas racializadas, que sofrem diretamente os efeitos da necropolítica, vale situar como esse conceito de necropolítica funciona na prática, a partir da estruturação das mortes e dos corpos matáveis - não somente pelas perspectivas dos corpos físicos, mas também pelas conjecturas que articulam uma morte subjetiva- e fomentam a ideia de incapacidade de realizações, desde o âmbito de direitos básicos como educação e saúde destinadas a esses grupos sociais que encontra-se em extremo sucateamento até suas(nossas) expressões e produções no campo das artes. Onde muitas vezes, é deslegitimado por não apresentar uma unicidade, levando em conta que, o que é produzido na favela também é um grito de (re)existência e resistência, podemos dizer que partem de outras lógicas largamente discutidas nesse texto, e é uma resposta direta a esse Estado racista e genocida. Como é colocado no trecho da música das cantoras negras Mc Carol e Karol Konká:

*“Desde pequenas¹⁵
Aprendemos que o silêncio não soluciona
Que a revolta vem à tona, pois
A justiça não funciona
Me ensinaram que eramos
Insuficientes
Discordei, para ser ouvida, o
Grito tem que ser potente”
(Mc Carol e KarolKonká)*

Mbembe (2018) discorre acerca da necropolítica, que servirá como base para fazermos uma reflexão sobre esse Estado que pensa uma soberania do biopoder que articula uma dinâmica de inimizades para justificar a legitimidade de morte de determinados grupos sociais, sobretudo, negros e negras e pessoas racializadas. Nesse sentido, afirma Mbembe:

¹⁵Nota de rodapé: Música: 100% Feminista Artista MC Carol feat. KarolConka& Leo Justi&Tropikillaz Álbum: Bandida Licenciado para o YouTube por: [Merlin] Altafonte Music Distribution (em nome de Heavy Baile); ARESA, BMG Rights Management, Abramus Digital, UNIAO BRASILEIRA DE EDITORAS DE MUSICA - UBEM, EMI Music Publishing, LatinAutor, LatinAutor - PeerMusic e 2 associações de direitos musicais Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=BlVXmIZ76A> Acessada no dia 09/12/2019 as 14:37

Afinal de contas, mais do que pensamento de classe (a ideologia que define história como uma luta econômica de classe), a raça foi a sobra sempre presente no pensamento e na prática das políticas do ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou a dominação a ser exercida sobre eles. Referindo –se tanto a essa presença atemporal como ao caráter espectral do mundo da raça como um todo, Arendt localiza suas raízes na experiência demolidora da alteridade e sugere que a política da raça, em última análise está relacionada a política da morte. Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “esse velho direito soberano de matar. (MBEMBE, 2018: 18)

O autor discorre, ao longo de sua obra, sobre a política de raça estar diretamente ligada a morte. Portanto, dentro dessa engrenagem racista podemos afirmar que o Estado corrobora com a legitimação dessa normatividade das políticas de guerra e genocídio contra o povo preto, favelado e periférico. Então, baseando-se nos números de pessoas pretas e racializadas descritos no censo Maré, e o Estado necropolítico que vivemos, há uma necessidade urgente de evidenciar as nossas potências que cada vez mais se torna fundamental para vivermos de forma abundante usufruindo largamente de nossas existências e expressões nesse mundo, assim como é colocado na música “AmarElo” do Emicida (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) e participação das cantoras Pablo Vittar e Majur:

*“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes, que nem devia tá aqui
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi Por fim,
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem, é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir”*

(Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pablo Vittar)

Nessa perspectiva há uma urgência de pensarmos e disputarmos uma historiografia da arte que dê conta de escrever os significados das nossas narrativas dentro do campo das imagens, sejam elas em qualquer aspecto e segmento do campo acadêmico, a fim de estabelecer outra noção imagética desses espaços marginalizados.

A história da arte tem um papel social a partir da fomentação de estudos sobre as artes criadas e difundidas na favela, esse campo de estudos tem a missão de fortalecer a imagem criativa desses espaços e contribuir para visibilidade das potências existentes e significativas locais. Resultando, portanto, uma mudança de ótica desse campo imagético da favela que parte do ponto de vista da precarização, marginalidade e carência, pois a favela apresenta produções potentes que pauta a agenda política e social da cidade e deste país. Como coloca JORGE (2019): Produzir existências é um exercício de dor, mas também de potente fonte de aprendizado sobre re-existência (JORGE, 2019: 77). E assim, seguimos...

Entendendo a moda como um conjunto de relações referentes ao corpo e a expressão desse corpo, ela cumpre uma função social que elabora inúmeras dinâmicas. Dinâmicas essas, que entram em uma produção de imagens, expressões e formas completamente possíveis de serem entendidas como arte em suas inúmeras possibilidades de coexistência. Portanto, historiografar os aspectos da arte produzida na favela está para além de recorrer a uma relação subjetiva. É desenvolver uma historiografia da arte da favela que se faz fundamental para as disputas sociais e a legitimação das práticas artísticas dos territórios favelizados, em outros contextos e campos de estudos. Não só do ponto de vista antropológico, sobretudo os que se baseiam na exotização e na observação distanciada do objeto de análise, mas sim, aos estudos imersos no campo de pesquisa e nas subjetividades dos sujeitos e sujeitas da pesquisa. Considerando, portanto que todos esses agenciamentos estão ligados a viver de forma abundante teorizando e criando mecanismos de autorrecuperação e cura. Como nos mostra (VILAÇA 2016) sobre pesquisa ativista - adotada como metodologia do presente trabalho – ao dizer:

Tem seu nascedouro nas reivindicações e estratégias teórico-práticas dos movimentos sociais negro organizados, refletindo sobre o engajamento declarado e necessário de suas pesquisas.

Desconsiderando a falácia eurocentrada de neutralidade na pesquisa, haja vista que não há pesquisa neutra, não há seleção de problema, de tema, de agenda política, sem emprego de subjetividades e demandas pessoais ou de determinado coletivo. (VILAÇA, 2016 p.97).

A moda enquanto comportamento e expressão é a arte mais possível de se elaborar de maneira individual. Quando abordada na construção de uma identidade imagética coletiva, vira uma prerrogativa fundamental na militância pelo reconhecimento artístico, e acirra a disputa das narrativas sociais em diversos grupos de pessoas, sobretudo os pertencentes à favela.

Arte salva!

Encerro o presente trabalho com o poema do livro “O canto dos escravizados”:

Deixo-te como herança a coragem

Sabes o que é coragem? É ser mais duro que as pedras

Enfrentar qualquer desafio mesmo que morras

Queres viver? E sabes o que é viver, filho meu?

Defender o sopro da existência no sol de cada dia

A eterna busca de paz na lonjura dos caminhos

Não queres lutar? Tens medo de morrer?

Como um morto, tu es tratado mesmo que respires

Filho de um reino incediado, de raiz decepada

A tua alma flutua a deriva nas águas dos oceanos

Agora dou-te um conselho:

Se queres sobreviver diante do sofrimento

Coloca asas na alma. Levita

Voa para longe daquilo que te magoa. Sonha

No balanço rítmico das ondas, baloiça, canta

Recita versículos ao vento na dança das **MARÉS**

(CHIZIANE,2018 p21)[grifo meu]

*“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem, é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir”*
(Emicida, Majur e Pablo Vittar)

Referências Bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen: 2019(Feminismos Plurais/ Coordenação de Djamila Ribeiro)

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural / Silvio Luiz de Almeida -São Paulo: Sueli Carneiro: Polén 2019 (Feminismos Plurais/ Coordenação de Djamila Ribeiro)

ANZALDÚA, Gloria. Speaking in tongues: a letter to Third World women writers. In: MORAGA, Cherríe& ANZALDÚA, Gloria (orgs.). This bridge called my back: writings by radical women of color. New York: Kitchen Table, p. 165-74. 1981

BENJAMIN, Walter. 1892-1940. **A obra de arte na época de sua reprodutividade técnica**/ Walter Benjamin; apresentação, tradução e notas Francisco De Ambrosio Pinheiro Machado. 2. Reimpressão – Porto Alegre, RS: Zouk, 2014.

CARVALHAL, André. **A moda imita a vida: como construir uma marca de moda** / André Carvalhal. São Paulo: Estação das Letras e Cores, Rio de Janeiro: Ed.Senac Rio de Janeiro. 2014.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da identidade: a era da informação, economia, sociedade e cultura**. Vol.2. São Paulo: Paz e Terra, 2002

Censo populacional da Maré/ Redes da Maré - Rio de Janeiro: Redes de Desenvolvimento da Maré: 2019

CHIZIANE, Paulina. **O canto dos escravizados** / Paulina Chiziane. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

DAVIS, Angela. **Woman, race and class**. Londres: The Women's Press, 1983.

DINIZ, Edson; BELFORT, Marcelo Castro; RIBEIRO, Paula. **Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda** – Rio de Janeiro: editora Redes da Maré: 2012

_____. **Memória e identidade dos moradores do morro do Timbau e Parque Proletário da Maré** – Rio de Janeiro: editora Redes da Maré: 2013

FAUSTINI, Marcos Vinicius. **A peleja da invenção do Imaginários**. et al O Novo Carioca. Rio de Janeiro, Morula. 2012

FRANCO, Marielle. **A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista negra e favelada**. In: BUENNO, Winnie; BURIGO, Joanna; PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SOLANO, Esther. Tem Saída? Ensaio Crítico sobre o Brasil. Editora Zouk: Porto Alegre. 2017. GRUMBACH, Didier. **Histórias da Moda** – São Paulo: Cosac Naify: 2009.

GONZALEZ, Lélia. **O papel da mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem política-econômica.** Spring Symposium the Political Economy of the Black World. Los Angeles: Center for Afro-American Studies, UCLA, 10-12 de maio, 1979, (mimeo).

_____. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GRUMBACH, Didier. **Histórias da Moda** – São Paulo: Cosac Naify: 2009.

HALL, Stuart. **Identidade cultural após modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2015

hooks, bell, **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade.** Ed. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

JORGE, Andreza da Silveira. **Mulheres ao vento: Dança e representatividade na vida de mulheres negras e faveladas/** Andreza da Silveira Jorge – 2019 Dissertação (mestrado) Centro Federal de Educação Tecnologia Celso Suckon da Fonseca .2019.

MBEMBE, Achille, **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte/** Achille Mbembe; traduzido por Renata Santini – São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo /** Adilson Moreira. – São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019 (Feminismos Plurais/ Coordenação de Djamila Ribeiro)

Seis temas à procura de um poema/ organização Ecio Salles, Julio Ludemir – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2017

SILVA, Eliana Sousa. **Eliana Sousa Silva.** 2.ed – Rio de Janeiro: Mórula, 2015.

_____. **A ocupação da Maré pelo Exército Brasileiro: percepção de moradores sobre a ocupação das forças armadas na Maré/** Eliana Sousa Silva. – Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2017

SILVA, J S. **Para uma pedagogia da convivência na cidade.** In: Silva, J S et al O Novo Carioca. Rio de Janeiro, Morula. 2012

Vilaça, Aline Serdezello Neves, **Diz!! Jazz é dança: Estética Afrodiasporica, pesquisa ativista e observação cênico coreográfica.** CEFET- Rio de Janeiro, 2016.

Não serei interrompida!¹⁶

¹⁶Frase retirada do último discurso na ALERJ da vereadora Marielle Franco, no dia 08/03/2018, em homenagem ao dia Internacional da mulher, ao ser constantemente interrompida na hora do seu discurso por outros parlamentares e cidadãos civis que estavam na galeria da plenária. A vereadora Marielle cria da Maré, que brigou pelo direito de favelados da Maré ingressarem na universidade entre muitos outros feitos políticos, foi brutalmente assassinada no dia 14/03/2018, uma semana após esse discurso e sua voz e força continuam a reverberar e não seremos interrompidas. **Marielle, Presente. Hoje e sempre!**